



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Escola de Comunicação

# **A construção da imagem de Hugo**

## **Chávez no jornal *O Globo***

Carla Marques Pimenta

**RIO DE JANEIRO | 2006**

**Título: A construção da imagem de Hugo Chávez no jornal O Globo**

Autoria: Carla Marques Pimenta

Orientador: João Freire Filho

Projeto experimental submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Aprovado por:

---

Orientador, Prof. Dr. João Freire Filho – UFRJ

---

Prof. Dr. Milton Pinto – UFRJ

---

Prof. Dr. Eduardo Coutinho – UFRJ

PIMENTA, Carla Marques. *A construção da imagem de Hugo Chávez no jornal O Globo*. 2006. Projeto Experimental (Habilitação em Jornalismo). Escola de Comunicação – UFRJ. Rio de Janeiro. Orientador: João Batista de Macedo Freire Filho. 75 páginas.

### ***Resumo***

No momento histórico em que países latino-americanos investem na aproximação Sul-Sul sem o intermédio do Norte, o presidente venezuelano Hugo Chávez se apresenta como um dos principais porta-vozes da pretendida integração regional. As investidas de Chávez acabam por lançar alguma sombra na autoproclamada liderança brasileira na América Latina. A Venezuela, até então pouca assediada pela mídia, passa a ocupar páginas e mais páginas da imprensa, a reboque da imagem considerada polêmica do seu atual presidente. Jogos de cena, frases de efeito, fofocas, bate-bocas e excentricidade dominam o noticiário do jornal *O Globo* e começam a formar o discurso sobre a Venezuela de Chávez ou Chávez da Venezuela. Neste trabalho, a análise das reportagens se inicia no ano de 2002, às vésperas da tentativa de golpe de Estado contra o venezuelano, e segue até 2006. A discussão é embasada pelos conceitos de discurso, poder, ideologia, hegemonia e intertextualidade. A idéia do jornalismo como entretenimento também é abordada, assim como a possibilidade de as agências internacionais produzirem o efeito de “telefone sem fio” no noticiário.

**Trecho de Canción por la Unidad de Latino América**

(Pablo Milanes e Chico Buarque)

*E quem garante que a História  
É carroça abandonada  
Numa beira de estrada  
Ou numa estação inglória*

*A História é um carro alegre  
Cheio de um povo contente  
Que atropela indiferente  
Todo aquele que a negue*

*É um trem riscando trilhos  
Abrindo novos espaços  
Acenando muitos braços  
Balançando nossos filhos*

*Lo que brilla con luz propia  
Nadie lo puede apagar  
Su brillo puede alcanzar  
La oscuridad de otras costas*

*Quem vai impedir que a chama  
Saia iluminando o cenário  
Saia incendiando o plenário  
Saia inventando outra trama*

*Quem vai evitar que os ventos  
Batam portas mal fechadas  
Revirem terras mal socadas  
E espalhem nossos lamentos*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me ensinou o que de mais importante havia para ser aprendido.

Ao meu pai, que me deu boa dose da inconseqüência necessária para ver o mundo mais de perto.

Ao meu orientador, João Freire, que motivou minhas melhores leituras, discussões e trabalhos ao longo dos quatros anos na Escola de Comunicação.

À amiga Deborah Engiel, pela mente brilhante que sempre iluminou a minha.

Ao amigo Guilherme Sorgine, por todas as aventuras latino-americanas compartilhadas, assim como solos de guitarra imaginária, sonhos e ficções sobre nós mesmos.

À amiga Carla Fontão, pela coragem em ser boa sem restrições, uma rosa-dos-ventos que me indica o lado bonito das pessoas.

À amiga Ana Carolina Alves, por fazer a arte acontecer e nos convencer de que ela é possível todos os dias.

Ao amigo Mair Pena Neto, pelo entusiasmo juvenil sempre inspirador e pelas conversas apaixonadas sobre a nossa América Latina.

Aos amigos dos velhos tempos Ana Carolina Lattanzi, Thiago Siqueira, Raquel Lenziardi e Lydia Pedroso, pela amizade e lealdade incondicionais.

Aos amigos do jornal, pelas futuras memórias de nossos primeiros passos em fila indiana na redação e de toda a sorte de obstáculos que vencemos juntos neste início de carreira.

## SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1. Quadro teórico: Discurso, ideologia e poder

. Formações Discursivas

. Intertextualidade

Capítulo 2. Venezuela nos tempos de Chávez

2.1. Contexto de situação e contexto social

2.2. O golpe de Estado mais curto da História

2.3 As diversas representações de Hugo Chávez

2.4. Breve discussão sobre populismo e neopopulismo

2.5. Petróleo: combustível dos conflitos

2.6. As missões bolivarianas

Capítulo 3. O ‘mal do populismo’ em *O Globo*

3.1. As preliminares de um golpe

3.2. Campanha militar contra a tirania

3.3. A lógica do ‘telefone sem fio’

3.4. Dúvida entre renúncia e golpe

3.5. Do ‘mal do populismo’ ao mal-estar da imprensa

3.6. Entre o Fórum Social Mundial e a greve geral

3.7. O referendo revogatório de 2004

3.8. *O Globo* e Hugo Chávez na arena dos conflitos

Capítulo 4. Informação, entretenimento e teatro de promoções

Conclusões

Referências

## Introdução

Após oito anos de sua chegada ao poder, Hugo Chávez continua a inspirar manifestações de adoração cega e de repúdio profundo, dentro e fora de seu país. A sua imagem é traçada com caracterizações das mais diversas, que podem exaltar, em um mesmo momento histórico, seu heroísmo ou sua tirania. Eleito democraticamente três vezes (1998, 2000 e 2004), Chávez enfrentou internamente um golpe de Estado, que durou menos de 48 horas e tornou-se conhecido como o mais curto da História; uma série de *lock-outs*; uma greve geral liderada pela petroleira estatal PDVSA, carro-chefe da economia do país; um referendo revogatório do seu mandato; e um sem fim de conflitos com a oposição, a Igreja, os sindicatos, as associações empresariais, os Estados Unidos e seus aliados na América Latina, como México e Colômbia. Em meio a crises ininterruptas, Chávez provou a força de sua figura quando, a despeito dos prognósticos sobre sua impopularidade, acabou reconduzido de volta ao Palácio de Miraflores por desejo dos venezuelanos que tomaram as ruas de Caracas, durante o golpe de 2002. Aclamado como herói por estudantes, militantes e intelectuais em duas edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, o presidente encarnou, também, a face de uma nova alternativa para a América Latina.

Para muitos críticos que reuniu, Chávez representa apenas uma perigosa aventura em um continente que busca ainda a sua estabilidade política. Foi compreendido com uma reciclagem tardia do populismo ou um vestígio da antiga cultura política da região, o caudilhismo. A retórica voltada aos mais pobres, entre os quais têm grande aceitação, teria caído no vazio das idéias ultrapassadas. A organização de grupos comunitários (Os Círculos Bolivarianos) e de programas sociais (As Missões Bolivarianas e o *Bario Adentro*) levantou suspeitas sobre uma possível importação da Revolução Cubana. Com o estreitamento das relações entre os dois países durante a gestão chavista, a Venezuela recebeu professores, treinadores esportivos, médicos e uma série de profissionais cubanos, que rapidamente ajudaram a implementar os projetos sociais de Chávez. O presidente passou a ser visto cada vez mais próximo de Fidel Castro, numa relação bastante ridicularizada por boa parte da imprensa, e suas imagens começaram a se sobrepor. Chávez estaria, então, se preparando para receber o legado castrista como um legítimo herdeiro. Neste momento, dispararam na Venezuela e nos territórios vizinhos, sobretudo nos Estados Unidos, o alerta vermelho anti-comunismo. Acusado de promover uma divisão fictícia entre ricos e pobres, Chávez se transformou em um mal a ser combatido pelos tradicionais grupos de poder, assim como meios de comunicação e classes mais ricas na Venezuela. Ao mesmo tempo, era abraçado

com fervor pelos grupos mais humildes, que compartilhavam uma identificação inédita com a figura presidencial.

Chamado pelos opositores de *El Zambo*, mestiço de branco e índio, causou estranheza pelas origens sociais, a carreira militar e o temperamento intempestivo. Chávez irrompeu na cena política venezuelana em 1992, com uma tentativa de golpe contra o então presidente Carlos Andrés Pérez. Assumiu sozinho a autoria do plano e terminou preso, sem antes realizar um discurso na televisão aos soldados ainda amotinados. A Venezuela, polarizada desde 1958 por um pacto entre dois partidos (Copei e Ação Democrática), respondeu positivamente à nova peça que entrava em jogo naquele momento. Uma figura altamente carismática e independente da política que levara o país aos eventos do *Caracazo*, em 1989. Segundo muitos pesquisadores, a sociedade civil venezuelana já se preparava há alguns anos para receber uma nova opção. Não demorou até que *El Zambo* se transformasse para muitos em *Mi Comandante*. E logo, para outros, na paródia *Mico Mandante*.

Chávez é ainda um quebra-cabeças de peças que não se encaixam. Com um virulento discurso anti-imperialista, ou anti-americanista, manteve as exportações de petróleo aos Estados Unidos, maior comprador do principal produto venezuelano. Apesar da aparência, também é difícil de ser classificado como populista – seja na definição clássica ou na recente, dos anos 90. Militares e populistas, historicamente, cultivaram uma relação antagônica. A queda de populistas na América Latina, na maior parte das vezes, esteve ligada a golpes militares. A exceção, além de Chávez, foi o argentino Juan Domingos Perón. Todavia, como o venezuelano, teve sérios problemas com as altas patentes. Na Venezuela, Chávez não correspondeu às expectativas do populismo clássico. Jamais liderou um amortecimento da luta política pela intermediação personalista das diferentes classes sociais, tampouco se atrelou ao sindicalismo. O carisma que alçou sua figura acima das instituições, como teme opositores e intelectuais, é um dos traços que possivelmente o caracteriza como populista. Mas ainda há argumentos que indicam uma institucionalização das medidas tomadas por Chávez e aprovadas, em referendos e plebiscitos, pela população. Seria a garantia de sobrevivência da nova Venezuela na era pós-Chávez. Portanto, sem a sua imagem forte na ponta do país.

Esta discussão foi trazida ao Brasil, em especial, pelo trabalho da imprensa. No momento histórico em que países latino-americanos investem na aproximação Sul-Sul sem o intermédio do Norte, o presidente venezuelano se apresenta como um dos principais porta-vozes da pretendida integração regional. As investidas de Chávez acabam por lançar alguma sombra na autoproclamada liderança brasileira na América Latina. A Venezuela, até então



pouca assediada pela mídia, passa a ocupar páginas e mais páginas de jornal a reboque da imagem considerada polêmica do seu atual presidente. Jogos de cena, frases de efeito, fofocas, bate-bocas e excentricidade dominam o noticiário do jornal *O Globo* e começam a formar o discurso sobre a Venezuela de Chávez ou Chávez da Venezuela. Nesta pesquisa, a análise das reportagens se inicia no ano de 2002, às vésperas da tentativa de golpe de Estado contra o venezuelano, e segue até 2006.

Alguns eventos, pelo caráter de ruptura ou pela exacerbação de certas pressuposições, mereceram destaque na análise, tais como: em 2002, os arranjos preliminares para o golpe, o acontecimento em si e a volta de Chávez ao poder; em 2003, a greve geral e a recepção do venezuelano no Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre; em 2004, o referendo revogatório de seu mandato; em 2005, a volta de Chávez, aclamado como herói segundo o jornal *O Globo*, e o concomitante a agravamento das relações entre o político e a imprensa, local e internacional. Em 2005, Chávez e *O Globo* partem para um conflito direto, que deixa o espaço reservado dos editoriais e ganha as páginas jornalísticas, quando o venezuelano critica uma série de reportagens publicadas pelo jornal. Por sua vez, o periódico responde desvelando as fontes usadas para produção das referidas matérias.

A base de sustentação teórica deste estudo é formada pelos conceitos de discurso, ideologia, poder e hegemonia. É entendido que os eventos discursivos, como os observados em *O Globo*, têm perspectiva tridimensional, assumindo a forma de texto, de prática discursiva e de prática social. O discurso é constitutivo da realidade, e esta também da prática discursiva. Pela definição de Milton Pinto<sup>1</sup>, o texto é ainda um híbrido e heterogêneo quanto a sua enunciação. Formado por um tecido de vozes e de citações, cuja autoria é explícita ou não, o texto dialoga com outros preexistentes, contemporâneos ou do passado. É neste contexto que se nega o postulado da unicidade do sujeito como óbvio. A idéia sobre “formações discursivas”, cunhada por Michel Foucault<sup>2</sup>, recebe considerável enfoque neste trabalho e estende a discussão sobre o papel do sujeito, tomando como pano de fundo a ideologia. Sócio-historicamente, os domínios de pensamento produzem o sujeito e, simultaneamente, o que lhe é dado a ver, compreender, fazer, temer e esperar. Porém, os sujeitos, segundo o teórico, são inconscientes e costumam perceber a si mesmos como a fonte dos sentidos de uma formação discursiva; quando são, na verdade, seus efeitos. Norman Fairclough<sup>3</sup>, porém, faz restrições à completa passividade do sujeito, defendendo que a hegemonia (que submete umas idéias às outras) é uma relação instável de poder. A luta discursiva, portanto, é travada nas brechas destas instabilidades.

Trata-se da herança da segunda geração da análise de discurso, que reúne teóricos como Michel Pêcheux<sup>4</sup>. No lugar de formações discursivas monolíticas e imutáveis, a análise de discurso na tradição de Pêcheux trouxe à tona a “heterogeneidade constitutiva” dos discursos. A formação do discurso passou então a ser considerada “fundamentalmente instável” e a intertextualidade (ou interdiscurso), um processo de constante reestruturação.

A partir da análise de discursos, tornou-se possível explicar nesta pesquisa alguns fenômenos relativos à construção da imagem de Hugo Chávez. A Teoria Acomodativa da Fala, idealizada por Potter e Wetherell, explica fenômenos como a modificação da fala de acordo com a pessoa a quem se fala, com o contexto e com a função. De acordo com tais conceitos, merece destaque o tratamento jornalístico dos objetos que, por associação ou contraste, ajudam a formar a imagem de Chávez no noticiário do jornal *O Globo*. São eles, por exemplo, o presidente norte-americano George W. Bush, com quem Chávez mantém um relacionamento publicamente hostil; o ex-presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, contra quem, em 1992, Chávez tentou um golpe de Estado; e o ex-presidente peruano Alejandro Toledo, envolvido em uma crise diplomática com o líder venezuelano, em 2006. O caso de Bush é mais emblemático, pois, em contraste com Chávez no noticiário, o americano perde as características que lhe são atribuídas em outras reportagens por, entre outros motivos, invadir o Iraque com documentos forjados.

Além disso, é de fundamental importância o entendimento do jornalismo como uma instituição privada, cuja atividade é profissional e técnica, realizada e consumida por indivíduos que obedecem a sistemas de normas e padrões de comportamento. O espaço jornalístico é regulado a partir de um conjunto maior de relações sociais e econômicas, que se misturam em seu processo de idealização e execução. Na análise da construção de Chávez nas páginas de jornal, estes conceitos são considerados na tentativa de identificar os tipos de classificação e os modos de caracterização usados de acordo com as convenções deste grupo social. Sobre a já citada desmitificação do jornalista/ autor como sujeito externo e neutro, Foucault afirma ainda que descrever a formação de um enunciado não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (explícita ou implicitamente), mas determinar a posição que pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que esteja em seu lugar.

Aliada à temática do discurso e do poder, foi necessário também analisar o noticiário de *O Globo*, em alguns casos, sob a perspectiva do jornalismo de entretenimento, da cultura do grotesco e do teatro de promoções. O perfil de um razoável número de matérias remete à discussão sobre a mistura entre informação e entretenimento<sup>5</sup>. Com forte apelo à caricatura e ao humor, alguns textos eram baseados em trocas virulentas de acusações, lembrando brigas

de vizinhos; referências à uma suposta insanidade mental do presidente; fatos da esfera pessoal, como a separação de Chávez e sua mulher, tratada pelo jornal com uma metáfora ao golpe de Estado (“Chávez é deposto do casamento”<sup>6</sup>); e até em brincadeiras aplicadas contra Chávez como trotes telefônicos. Sobre as infinitas contendas entre o venezuelano e seus inimigos políticos (George W. Bush, Condoleezza Rice, Alan García e Vicente Fox, por exemplo), que ocupam boa parte do noticiário internacional de *O Globo*, o uso deliberado de técnicas teatrais na política, abordado por Neal Gabler<sup>7</sup>, pode indicar algum caminho. O perigo está na submissão de leitores e jornalistas a este teatro de promoções, que lança sombras em informações mais relevantes.

O “*infotainment*” (termo usado pelo crítico cultural Bob Franklin<sup>8</sup>) ocorre quando o entretenimento superalimenta o fornecimento de informações, o interesse humano suplanta o interesse público, a prudência do julgamento é sucumbida pelo sensacionalismo, o trivial ganha peso e as relações pessoais se tornam novelas. Para Franklin, o entretenimento está associado à distração e voltado à uma platéia passiva. Seria, no caso do jornalismo impresso, o leitor distraído ou ocasional de uma determinada seção noticiosa. A informação, por contraste, estaria ligada aos fatos e à análise engajada. A reportagem informativa se propõe a informar quem busca subsídios para seu pensamento sobre determinado assunto.

É neste universo de discursos, de entretenimento e de promoções que a pergunta “Quem é Hugo Chávez?” permanece em aberto. Longe das pretensões de respondê-la como um dado exato e irrefutável, este trabalho busca entender como é construída a imagem de Hugo Chávez na formação discursiva do jornal *O Globo*, sob quais pretextos e para quais finalidades – tendo em foco, sempre, a capacidade constitutiva dos discursos na realidade latino-americana.

## 1. Quadro teórico: discurso, ideologia e poder

*“O discurso é não apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado”*

(Michel Foucault)

Na concepção foucaultiana, os discursos não funcionam apenas como representações ou reflexos de uma realidade já dada, seja no âmbito das entidades ou das relações sociais, mas são entendidos como parte de sua constituição. Para Michel Foucault, os sujeitos sociais são feitos do discurso, mesmo quando, aparentemente, tomam o papel de agentes, já que estão posicionados no mundo pela adesão ou rejeição de diferentes discursos. Norman Fairclough recorre, além da lingüística e da teoria social, ao entendimento socioteórico do discurso em Foucault para propor a tridimensionalidade do evento discursivo: no texto, na prática discursiva e na prática social.

A dimensão da prática social trata das circunstâncias institucionais e organizacionais que influíram no evento discursivo – o efeito constitutivo citado no parágrafo anterior. O destaque da linguagem na teoria social vem, primeiro, com Antonio Gramsci e Louis Althusser, de tradição marxista, que enfatizam o significado da ideologia na reprodução social moderna. Já Michel Pêcheux identifica o discurso como a forma material lingüística da ideologia. Em função da tripla perspectiva do discurso, Fairclough propõe uma análise multifuncional, com foco na formação e modificação do conhecimento, nas relações sociais e nas identidades sociais.

O ponto de partida do autor é a teoria sistêmica da linguagem<sup>9</sup> (Halliday, 1978), que considera que os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades. É necessário também, explica Fairclough, um método de análise histórica, que possa observar a estruturação e a articulação discursiva no processo de construção de textos. Em longo prazo, esta observação daria conta das “ordens de discurso”, como Foucault define as configurações totais das práticas discursivas em instituições particulares, que podem se estender a toda uma sociedade.

Levando-se em conta que reproduções e mudanças discursivas, sociais e culturais não são, em geral, transparentes para todos os envolvidos, a escolha de um método crítico tem a função de mostrar conexões e causas ocultas nos jogos discursivos. Desta maneira, a formulação de análise proposta por Fairclough está centrada nos conceitos de ideologia e

hegemonia, na incorporação de grupos subordinados, na dominação baseada em alianças e na geração de consentimento. As hegemonias em organizações e instituições particulares, assim como na sociedade, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas em discurso. Ele entende também como uma forma de hegemonia a estruturação de práticas discursivas em modos particulares nas ordens de discursos, ganhando, estrategicamente, naturalidade e, por extensão, ampla aceitação.

Teóricos da psicologia social, Potter e Wetherell (1987), da escola não-crítica da análise de discursos, levantam a questão sobre o papel da “forma” e do “conteúdo”. Quando o discurso é entendido como constitutivo de objetos e categorias, há uma tendência na psicologia social tradicional em perceber a formação de objetos e categorias como definitiva e estática. Potter e Wetherell se opõem a esta concepção, afirmando que, por exemplo, o que uma pessoa diz não permanece necessariamente consistente de uma ocasião à outra, mas varia de acordo com as intenções de sua fala:

O argumento é aplicado à pesquisa sobre atitudes: a pesquisa tradicionalmente pressupunha que as pessoas tinham atitudes consistentes sobre ‘objetos’, tais como ‘imigrantes de cor’, enquanto a análise de discurso mostra não apenas que as pessoas fazem avaliações diferentes e até contraditórias de um objeto de acordo com o contexto, mas também que o próprio objeto é construído diferentemente dependendo de sua avaliação<sup>10</sup>.

De acordo com tais conceitos, merece destaque o tratamento jornalístico dos objetos que, por associação ou contraste, ajudam a formar a imagem de Hugo Chávez no noticiário do jornal O Globo. São eles, por exemplo, o presidente norte-americano George W. Bush, com quem Chávez mantém um relacionamento publicamente hostil; o ex-presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, contra quem, em 1992, Chávez tentou um golpe de Estado; e o ex-presidente peruano Alejandro Toledo, envolvido em uma crise diplomática com o líder venezuelano, em 2006. O caso de Bush é mais emblemático, pois, em contraste com Chávez no noticiário, o americano perde as características que lhe são atribuídas em outras reportagens por, entre outros motivos, invadir o Iraque com documentos forjados.

A Teoria Acomodativa da Fala, idealizada por Potter e Wetherell, explica fenômenos como a modificação da fala de acordo com a pessoa a quem se fala, com o contexto e com a função. Porém, recebe críticas por priorizar o conteúdo em relação desproporcional à forma. Fairclough argumenta que a distinção entre os dois elementos não é tão clara, citando a metáfora como uma fusão de diferentes domínios de conhecimento, ao mesmo tempo em que a escolha das palavras usadas é um aspecto da forma. A contestação sobre a separação entre

conteúdo e forma surge também na lingüística crítica, desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 70. Presente na lingüística clássica, o tratamento dos sistemas lingüísticos como autônomos e independentes do uso da linguagem é rejeitado na lingüística crítica. Halliday, desta escola, afirma que a linguagem é um resultado de sua função na estrutura social, argumentando ainda que as pessoas têm acesso a diferentes tipos de linguagem de acordo com sua posição no sistema social. Halliday trata do uso da gramática da língua como um sistema de opções, em que os usuários fazem seleções em função das circunstâncias sociais. Em resumo, ele considera que as opções formais têm significados contrastantes e que as escolhas de formas são sempre significativas. A sociolingüística de Halliday, porém, não vai além das correlações entre linguagem e sociedade. Não são abordados os efeitos da linguagem na sociedade ou, em outras palavras, a relação de mão dupla entre a linguagem moldada pela sociedade e a sua influência na confirmação e consolidação das relações sociais.

A lingüística crítica difere de outras abordagens pela atenção dedicada à gramática e ao vocabulário dos textos. Nas matérias jornalísticas que constroem a imagem de Chávez, é interessante notar o processo de *nominalização*, traduzido pela escola como a conversão de uma oração em um nome. A personificação da Venezuela (país de tradicional irrelevância nos noticiários nacionais) na figura de Hugo Chávez tem como reflexo a nominalização freqüente de orações, incluindo nos títulos e subtítulos das matérias. Outra possibilidade recorrente em textos é a da *apassivação*, que, de acordo com o contexto, pode deslocar o destaque para partes diferentes da situação e ainda ocultar agentes. Ambos recursos podem ser ideologicamente significativos e provocar uma mistificação sistemática dos agentes.

Quanto à representação de relações sociais e de identidades sociais, há aspectos gramaticais da oração responsáveis por produzir tais significados. A escolha do vocabulário tem relação com a existência de “modos de dizer”, “modos de seduzir”, “modos de mostrar” e “modos de interagir”, como destaca Milton Pinto<sup>11</sup>. A lingüística crítica prevê uma implicação ideológica a partir dos diferentes modos de “lexicalizar” domínios de significado em torno de classificações.

Flairclough ressalva, porém, que, na lingüística crítica, os processos de produção e interpretação de textos são relegados a um papel secundário. Ao ignorar a produção e a distribuição, negligenciar-se-ia que, em momento algum, é problemática a relação entre aspectos textuais e sentidos sociais.

Os sentidos sociais do discurso (bem como as ideologias) não podem ser simplesmente extraídos do texto sem considerar padrões e variações na distribuição, no consumo e na interpretação social do texto<sup>12</sup>.

Assim como os lingüistas críticos, Michel Pêcheux desenvolve uma abordagem crítica à análise de discurso, combinando teoria social do discurso com um método de análise textual. Na teoria social, a fonte de Pêcheux foi a teoria marxista de ideologia de Althusser (1971). A defesa de que as idéias não são “descorporificadas”, em Althusser, indica que a ideologia ocorre em formas materiais. Além disso, a ideologia funciona pela constituição de pessoas em sujeitos sociais (e a fixação de suas posições como sujeito), enquanto lhes dá a sensação ilusória de serem agentes livres. Esses processos são realizados no interior de várias instituições e organizações. Althusser destaca a educação, a família e o direito, que funcionam como dimensões ideológicas do Estado, chamadas por ele de “aparelhos ideológicos de estado”. Pêcheux é responsável por estender a teoria de Althusser para a linguagem. O discurso, afirma Pêcheux, “mostra os efeitos da luta ideológica no funcionamento da linguagem e, de modo inverso, a existência de materialidade lingüística na ideologia” (Apud Courtine, 1981). Pêcheux traduz o termo “discurso” como o uso ideológico da instituição da linguagem.

No interior dos aparelhos ideológicos de Estado, Althusser concebe a correspondência entre um complexo de “formações ideológicas” com posições de classe. Pêcheux entende que cada posição no discurso incorpora uma “formação discursiva”, termo originalmente usado por Foucault. Apropriando-se da expressão, Pêcheux a explica como o que é cabível de ser dito em dada formação ideológica. Mesmo que duas formações discursivas tenham palavras ou expressões em comum, os sentidos podem ser diferentes, já que são formados em contraste com outras palavras e expressões. Na identificação jornalística de Chávez, a expressão “governo popular”, por exemplo, traz um sentido variável quando usado pelo jornal O Globo ou pelo próprio presidente venezuelano. É o que se entende também por faces lingüísticas de “domínios de pensamento” divergentes, que estão ligados a sujeitos sociais constituídos por formações discursivas particulares. Para Pêcheux, sócio-historicamente, os domínios de pensamento produzem o sujeito e, simultaneamente, o que é lhe dado a ver, compreender, fazer, temer e esperar. Porém, os sujeitos, segundo ele, são inconscientes e costumam perceber a si mesmos como a fonte dos sentidos de uma formação discursiva; quando são, na verdade, seus efeitos.

Sobre Pêcheux, Fairclough faz críticas semelhantes às da lingüística crítica, no que diz respeito à pouca atenção dispensada aos processos discursivos de produção e interpretação

textual. Além disso, são ignorados aspectos relevantes da forma, resultando no tratamento dos textos como meras evidências para hipóteses anteriormente formuladas sobre formações discursivas. Porém, no lugar de formações discursivas monolíticas e imutáveis, a segunda geração da análise de discurso na tradição de Pêcheux trouxe à tona a “heterogeneidade constitutiva” dos discursos. A formação do discurso passou então a ser considerada “fundamentalmente instável” e o interdiscurso, um processo de constante reestruturação. O cerne da questão está na mudança de perspectiva entre um limite estático que separaria a formação discursiva do seu exterior para seu interior em um limite que, na verdade, existe entre diferentes formações discursivas. Esta segunda idéia acomoda a mudança, tão defendida por Fairclough, dentro da luta ideológica do discurso. Neste sentido, as formações discursivas disputam e negociam seus limites de acordo com as circunstâncias.

Uma das preocupações deste trabalho está na maneira como as relações de poder e a luta de poder moldam e transformam práticas discursivas de uma sociedade ou instituição. Por isso, retomamos com maior ênfase os estudos de Foucault sobre discurso e poder.

### **1. 1. Formações Discursivas**

Além da característica constitutiva do discurso, da qual já mencionamos, Foucault enfatiza a interdependência das práticas discursivas de uma sociedade ou instituição. Os textos, segundo ele, recorrem sempre a outros, contemporâneos ou anteriores. No processo de apropriação e transformação, a prática discursiva é formada por combinações de outras. O princípio da intertextualidade, em Bakhtin, aponta para este mesmo sentido: a articulação de outros textos, em modos particulares, dependendo das circunstâncias sociais e mudando com elas. (*Ver Intertextualidade*).

A concepção foucaultiana é focada, como citado anteriormente, nas “formações discursivas”: o sistema de regras que possibilita a ocorrência de enunciados particulares em determinados tempos, lugares e instituições. Assim, entende-se também a existência de um conjunto de regras para a formação de objetos, de modalidades discursivas e de posições do sujeito. Estas regras são criadas pela formação de elementos discursivos e não-discursivos anteriores. A articulação de tais elementos faz do discurso, por fim, uma prática social. Foucault subverte a relação passiva da linguagem em relação à realidade, negando a função meramente representativa de objetos já dados. Ao ser vista como construtora de significados, a linguagem se confunde com a própria realidade. O espaço de construção do discurso (e da realidade) é definido pela relação entre instituições, processos sociais e econômicos, padrões



de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação e modos de caracterização. Para este trabalho, é de fundamental importância o entendimento do jornalismo como uma instituição privada, cuja atividade é profissional e técnica, realizada e consumida por indivíduos que obedecem a sistemas de normas e padrões de comportamento. Além disso, o espaço jornalístico é regulado a partir de um conjunto maior de relações sociais e econômicas, que se misturam em seu processo de idealização e execução. Na análise da construção de Chávez nas páginas de jornal, estes conceitos devem ser considerados na tentativa de identificar os tipos de classificação e os modos de caracterização usados de acordo com as convenções deste grupo social.

A principal tese de Foucault com respeito à formação de modalidades enunciativas é a de que o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, como a origem do enunciado (seu autor/ sua autora), mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado<sup>13</sup>.

O fragmento acima se aplica na desmitificação do jornalista/ autor como sujeito externo e neutro. Foucault afirma ainda que descrever a formação de um enunciado não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (explícita ou implicitamente), mas determinar a posição que pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que esteja em seu lugar. Dentro dos jornais, a observação do teórico é mais visível ao tomar as posições do sujeito na forma de cargos, como de repórter, redator e editor. Neste sentido, é mais significativo o que diz o cargo do que o autor em sua forma isolada. As modalidades enunciativas estão diretamente ligadas às posições de sujeito e variam entre descrição, formação de hipóteses, formulação de regulações, ensino, etc. Mas no jornalismo, sobretudo, a idéia de descentramento do sujeito social é cabível.

No que se refere às relações interdiscursivas, Foucault diferencia os enunciados como pertencentes a campos de presença, concomitância ou memória. O campo de trabalho, nesta pesquisa, é ligado às vozes de especialistas que confirmam a tese geral do texto e, com enfoque, aos textos provenientes de agências internacionais ou jornais estrangeiros de tradição. Foucault define um campo de presença como “todos os enunciados formulados noutro lugar e aceitos no discurso, reconhecidos como verdadeiro, envolvendo uma descrição exata, um raciocínio fundamentado, ou uma pressuposição necessária”<sup>14</sup>.

Já o campo de concomitância se refere aos enunciados gerados em diferentes formações discursivas. Por exemplo, os discursos de Hugo Chávez, os comunicados de seus

porta-vozes etc. Tais enunciados pertencem também a modalidades discursivas diferentes, mas, a favor do “equilíbrio” jornalístico, são inseridos nas reportagens.

Seguindo esta lógica, outra consideração importante de Foucault é sobre “as regras e processos de apropriação” do discurso. Segundo o teórico, o “direito de falar” e a “habilidade para entender”, tanto quanto o direito em recorrer a discursos previamente formulados, são desigualmente distribuídos entre grupos sociais. Foucault especula ainda sobre as posições possíveis de desejo em relação ao discurso, dado com uma questão material desde Pêcheux: como uma representação ilusória, um elemento de simbolização, uma forma do proibido, um instrumento de satisfação derivada. Por materialidade, ele entende, porém, não a propriedade do discurso de ser proferido em tempo ou lugar particular, mas o status particular em práticas institucionais específicas. Em entrevista a Paul Rabinow<sup>15</sup>, Foucault fala sobre um “regime da verdade” cuja relação com os sistemas de poder é circular: a verdade produz e sustenta o poder, ao mesmo tempo que é induzida pelos seus efeitos.

Em cada sociedade, a produção de discurso é imediatamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos, cujo papel é tutelar seus poderes e perigos, domesticar suas casualidades, escapar da sua ponderável, formidável materialidade<sup>16</sup>.

Um dos escopos deste trabalho é desvelar os procedimentos da produção discursiva sobre a figura de Hugo Chávez a partir dos vestígios deixados na superfície textual, sem necessariamente recorrer aos bastidores ou discutir em detalhes o conteúdo das matérias jornalísticas. Tratamos, então, da seleção de eventos, da escolha de títulos e subtítulos, dos autores (repórteres do jornal, agências internacionais, jornais estrangeiros), das vozes destacadas ou abafadas ao longo do encadeamento de pensamentos. Uma das preocupações fundamentais está em como as técnicas (neste caso, jornalísticas) afetam as formas normalizadas de controle sobre as disposições, os hábitos e os movimentos. Dentro de um jornal, as convenções determinantes para o tom dos textos são mais ou menos previsíveis. De um lado, a linha editorial sustentada de forma clara pelo grupo diretor. De outro, uma série de concepções absorvidas extraoficialmente, que trabalham a favor da autocensura das disposições divergentes. Como veremos a seguir, além dos procedimentos tradicionais para a produção de textos, as matérias que envolvem Chávez acompanham, no sentido inverso, a onda do que elas mesmas classificam como “radicalização política na América Latina”. É a extrapolação dos editoriais para as páginas não-editorializadas, enquanto jornalistas adotam em suas rotinas os “modos de dizer” aprovados em uma instância maior. A moderna

tecnologia da disciplina é engrenada para produzir o que Foucault chama de “corpos dóceis”, que são adaptados às demandas das formas modernas de produção econômica. Ele compara o condicionamento do corpo no treinamento militar e em processos na indústria e na educação. O poder está implícito em todas estas práticas e distribuído universalmente em todos os domínios da vida social. Porém, o poder disciplinar no jornalismo, como qualquer outro nas demais áreas, é tolerável – para produtores e leitores – enquanto prática oculta. É preciso que mascare grande parte de si mesmo, de forma que seu sucesso é proporcional à habilidade de esconder seus próprios mecanismos.

Fairclough coloca em questão a “tecnologização do discurso” como um obstáculo à análise discursiva das mudanças sociais. “Até onde os processos mais amplos de mudança podem ser pesquisados por meio da análise de práticas discursivas em mutação?”<sup>17</sup>. O alerta é motivado pela sujeição do discurso às tecnologias e às técnicas. Milton Pinto<sup>18</sup> cita a influência do “clima de opinião” e do “banho ideológico” inerente aos profissionais dos veículos de imprensa, que precisam se situar dentro de um limite estabelecido pelo órgão.

Como toda técnica, as rotinas e procedimentos profissionais são em geral considerados neutros por seus usuários, mas é por meio deles que os participantes num processo de comunicação constroem suas identidades e relações mútuas e selecionam os conteúdos que estarão em jogo.

É possível apreender, por meio de uma análise, o que quer ser dito ou como é dito em discursos tecnologizados – o emprego da técnica já é um vestígio a ser pensado. Mas a mudança social, base da proposta de Fairclough no campo do discurso, pode se perder em si mesma quando atravessa os processos técnicos de produção. Fairclough defende a natureza discursiva da mudança social, ou seja, as práticas discursivas em mutação que contribuem para este fim.

Foucault, porém, é acusado de exagerar a vulnerabilidade das pessoas ao poder, de não dar peso à contestação das práticas e à possibilidade dos grupos dominados se oporem aos sistemas discursivos e não-discursivos opressores. Fairclough ressalta que focalizar a análise predominantemente nas estruturas significa tomar uma perspectiva unilateral das lutas de poder no terreno do discurso. Para Gramsci, diferentemente de Foucault, a hegemonia é um equilíbrio instável construído sobre alianças e geração de consenso das classes e grupos subordinados. As instabilidades citadas por Gramsci são os focos de luta, negligenciados por Foucault. Fairclough propõe ainda estender o entendimento sobre os processos constitutivos do discurso a uma visão mais dialética. Ele sustenta que o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-construída. Nesta concepção, os sujeitos

não são retratados com a passividade característica em Foucault, mas ganham força para negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que recorrem. (Esta discussão se estende no Capítulo 4)

## 1.2. Intertextualidade

*“A intertextualidade é fonte de muita da ambivalência dos textos”*

(Norman Fairclough)

O termo “intertextualidade” foi cunhado por Kristeva, no final dos anos 60, a partir de suas apresentações para audiências ocidentais sobre o trabalho de Mikhail Bakhtin. Embora o termo não seja seu, Bakhtin desenvolveu uma abordagem intertextual para a análise de textos. O autor destaca como os textos e os enunciados são moldados por textos anteriores, que “respondem”, e por textos subseqüentes, que “antecipam”. Cada enunciado é, portanto, um elo na cadeia de comunicação. Constitui-se por pedaços de outros enunciados, explícitos ou completos. Foucault acrescenta que dentro da aura intertextual de um texto existem diferentes campos de presença, concomitância e memória. Neste sentido, para Milton Pinto, na análise de discursos, é inaceitável o postulado da unicidade do sujeito como óbvio, ou seja, o entendimento de que há um único responsável por todas as representações presentes em um texto determinado, reconhecido como seu autor empírico.

Todo texto é híbrido e heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de “vozes” ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado<sup>19</sup>.

A intertextualidade manifesta apresenta textos explicitamente presentes em outro: podem estar marcados por traços na superfície, como as aspas. Porém, um texto pode incorporar outro sem que isso seja sugerido. É o caso de uma integração estrutural e estilística entre texto, por meio, talvez, de uma reformulação do original. Os textos podem ainda lançar mão de suposições que não são atribuídas a ninguém, por meio da pressuposição. Assim, os textos heterogêneos podem ter uma superfície textual desigual e acidentada, ou relativamente regular. Como a superfície do texto está determinada, de formas distintas, por outros textos, não há clareza em relação aos elementos que a compõem. Segundo Fairclough, “a intertextualidade é a fonte de muita da ambivalência dos textos”<sup>20</sup>. Neste caso, diferentes sentidos podem coexistir, sem que se admita “o” sentido puro. Este aspecto é de fundamental

importância na análise sobre a construção da imagem de Hugo Chávez no jornal *O Globo* – considerando a intertextualidade e a ambivalência características saudáveis dentro dos textos jornalísticos. Ao mesmo tempo, os elementos do texto podem ser planejados para serem interpretados de diferentes modos, por diferentes leitores, o que é uma outra fonte de ambivalência (antecipatória). O jornal *O Globo*, como um veículo de grande público, pode aderir à ambivalência antecipatória, mas para esta afirmação é necessário considerar outra variável: a hegemonia. Fairclough ressalta a importância da relação entre intertextualidade e hegemonia. Na teoria, o conceito de intertextualidade aponta para a possibilidade de transformação de textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (como discursos) para gerar novos textos.

Mas essa produtividade na prática não está disponível para as pessoas como um espaço ilimitado para a inovação textual e para os jogos verbais: ela é socialmente limitada, restringida e condicional conforme as relações de poder<sup>21</sup>.

A teoria da intertextualidade é incapaz de dar conta de suas próprias limitações. É preciso que se combine com teorias de relações de poder e como elas moldam (e são moldadas) estruturas e práticas sociais. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar também o diálogo entre os textos de *O Globo* com outros, anteriores ou contemporâneos. Vale ressaltar também a diferença entre texto ou discurso: o jornal pode recorrer a diferentes textos que obedecem a estruturas e estilos distintos, mas reproduzem o mesmo discurso sobre um determinado fato. Dessa forma, a intertextualidade seria apenas um dado formal, incapaz de produzir ambivalências.

Os eventos dignos de se tornar notícia se originam de limitado grupo de pessoas que têm o acesso privilegiado à mídia, que são tratadas pelos jornalistas como fontes confiáveis, e cujas vozes são aquelas que são mais largamente representadas no discurso da mídia<sup>22</sup>.

## 2. A Venezuela nos tempos de Chávez

*“Chávez está fascinado de forma sexual, tipo freudiana, pelo senhor Fidel Castro”*

(Documentário “A Revolução não será televisionada”: comentário de jornalista venezuelano)

### 2.1. Contexto de situação e contexto social

Para juntar as peças da História recente da Venezuela, dispensou-se o que é dado pelo jornal *O Globo*, uma vez que o material estará sob análise no próximo capítulo. As informações foram coletadas a base de entrevistas (realizadas entre 2005 e 2006); matérias publicadas em outros veículos, nacionais e estrangeiros; e números obtidos nas páginas oficiais do governo venezuelano. Foram usados também o documentário irlandês “A Revolução não será televisionada”<sup>23</sup>, produzido e dirigido por Kim Bartley e Donnacha O’Briain; o livro “A Venezuela que se inventa – Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez”, de Gilberto Maringoni (jornalista, doutor em História Social pela USP e chargista de O Estado de S. Paulo); e artigos de pesquisadores acadêmicos. Obviamente, são formações ideológicas com posição de classe e representam outras formações discursivas – que não a do jornal *O Globo*. As escolhas foram propositais e objetivam estimular perguntas, pistas ou inquietudes que ajudem a preencher as lacunas deixadas nos enunciados jornalísticos apresentados no próximo capítulo.

Os referidos espaços em branco são conseqüências da redução da ambivalência natural dos textos por uma interpretação em modo real. As demais possibilidades interpretativas são automaticamente excluídas pelo sentido estreito do próprio “contexto”. Neste sentido, o conceito aborda a situação imediata em que leitores consomem um dado discurso. A relação entre o leitor e o jornal pode ser, por exemplo, de aceitação, crença, confiança e submissão ao conteúdo. O jornal, então, assumiria a postura de “ensinar”, “revelar”, “informar”. No que é chamado de “contexto de situação”, os intérpretes chegam a conclusões sobre a totalidade da prática social (incluindo aí o discurso), que conduzem a prognósticos sobre os sentidos dos textos, que novamente reduzem a ambivalência. Por exemplo, “Chávez é um político arcaico” ou “Chávez governa para os pobres”. O leitor chegou a alguma conclusão sobre o tema e tentará comprová-la por meio do discurso do jornal.

A forma como o contexto afeta a interpretação, segundo Foucault, é variável. Mas as regras de base têm frequentemente caráter ideológico. Não é incomum, porém, que as interpretações permaneçam ambivalentes. Disso depende também o componente acional do texto, a força que exerce no leitor. O componente acional pode ser um questionamento, um pedido, uma ameaça, uma afirmação didática etc. O contexto, por isso, funciona como um redutor de tal ambivalência, assim como o contexto da situação e a natureza geral do contexto social.

O presente capítulo se propõe a traçar um mapa da ordem social venezuelana, antes e depois do aparecimento de Hugo Chávez. Apesar de o trabalho ser focado em sua figura, é imprescindível explicar as condições em que ela foi criada e exportada como um fenômeno midiático – positiva ou negativamente.

Apontar o contexto da situação em termos de mapa mental fornece dois grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular: uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando os elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes<sup>24</sup>.

## **2.2. O golpe de Estado mais curto da História**

O ponto de partida da análise do material produzido pelo jornal *O Globo* data do ano de 2002, durante as preliminares do golpe de Estado contra Hugo Chávez que duraria apenas dois dias, ficando conhecido como o mais curto da História. O documentário irlandês “A Revolução não será televisionada”, produzido e dirigido por Kim Bartley e Donnacha O’Briain, registra desde os precedentes da ação golpista até a tomada das ruas pela população a favor de Chávez.

Os cineastas capturaram imagens dos cinco canais de televisão privada, todos abertamente contrários a Chávez, em um momento anterior ao golpe. Nele, o presidente era acusado de estar fascinado “de forma sexual, tipo freudiana, pelo senhor Fidel Castro” e de sofrer de “insanidade mental”, entre alguns exemplos. A âncora de um telejornal terminou dessa maneira o noticiário do dia: “Está chegada a hora para que todos falemos sobre a transição, sem Chávez, é claro. Até a próxima quinta-feira”. A imprensa privada, ligada à elite política tradicional, foi parte ativa dos arranjos para a tentativa de golpe. Chávez contava somente com a TV estatal, pela qual se comunicava de forma direta com o povo através do programa “Alô, Presidente!”, em que recebia chamados telefônicos e respondia-os ao vivo.

Carlos Ortega, líder da Confederação dos Trabalhadores da Venezuela (CTV), uma das mais expressivas centrais sindicais do país, atrelada há anos ao setor patronal, viajou com Pedro Carmona, presidente da Fedecámaras, a maior entidade empresarial da Venezuela, a Washington para reuniões com altos funcionários do governo George W. Bush. No dia 10 de abril de 2002, o general Nestor Gonzalez apareceu nas redes privadas de televisão lançando um ultimato a Hugo Chávez para que renunciasse ao poder. No mesmo dia, Carmona convocou uma marcha dos anti-chavistas. Em 11 de abril, chavistas e anti-chavistas se confrontaram nas ruas de Caracas, resultando na morte de civis. No Palácio Miraflores, cercado de tanques do Exército, Chávez se entregou, sem assinar a renúncia, para evitar o bombardeio.

No dia 12, todo o plano foi revelado em um programa de televisão, em que estavam presentes tanto militares de alta patente como jornalistas. Os militares agradeceram nominalmente aos canais *Venevisión*, *RCTV*, *Televen*, *CMT* e *Globovisión*. Em Miraflores, Pedro Carmona tomou posse da Presidência da República e dissolveu o Congresso Nacional e o Tribunal Supremo de Justiça, entre outros organismos públicos. Na tomada seguinte do documentário, uma mulher gritava na rua: “O que vou fazer com o meu voto? Votei no Chávez, quero que termine seu mandato!”.

A oposição de Chávez divulgou que o presidente havia renunciado ao cargo, quando na verdade estava preso. A informação vazou para a população através de um canal internacional a cabo e, ao nascer do segundo dia do golpe, já havia manifestações e barricadas por toda a cidade, que exigiam a volta imediata de Chávez ao poder. A população cercou o Palácio de Miraflores, que foi retomado dos golpistas pela Guarda Nacional, leal a Chávez, e o governo foi repostado. Pedro Carmona foi condenado à prisão domiciliar, de onde fugiu e seguiu para o exterior; Carlos Ortega ficou escondido e só reapareceu quando o presidente prometeu que não haveria perseguição aos golpistas; e os generais envolvidos foram expulsos do Exército – alguns se mudaram para os Estados Unidos, enquanto outros continuaram na Venezuela.

Vencidos, por algum tempo, os “antichavistas” logo retomariam sua cantilena. Durante todo o final do ano de 2002, iriam desafiar o poder naquilo que foi chamado “a guerra das marchas”. Como já ocorrera na véspera do golpe, os meios de comunicação acirraram o clima. No entanto, a cada manifestação maciça da oposição se contrapunha uma maré vermelha igualmente grande, ou maior, de partidário do presidente. Que a mídia se recusava a ver e a mostrar. Conseqüentemente, os opositores – desinformados – ignoravam que essas manifestações tivessem ocorrido e viviam ao ritmo dos noticiários de televisão, maravilhados com “a maior marcha” (da oposição), “a imensa marcha” (da



oposição), “a supermarcha” (da oposição), “a marcha de todas as marchas” (da oposição). Em suma, “o país inteiro” exigia a renúncia do presidente!”<sup>25</sup>

Os opositoristas que estiveram à frente da tentativa de golpe, em abril de 2002, continuaram atuantes após um breve período de silêncio. Em 14 de agosto de 2002, o Supremo Tribunal de Justiça se recusou a julgar quatro oficiais acusados de rebelião militar – transformada, na imprensa, em “11-A” (11 de abril). O povo reagiu com desaprovação. Maurice Lemoine, enviado especial do jornal francês *Le Monde Diplomatique* ao país, escreveu que, para a população, a recusa pelo julgamento soou ofensiva como “se julgassem Bin Laden e concluíssem que as torres gêmeas caíram sozinhas”.

Paradoxalmente, sob esse governo, apresentado como “autoritário” por seus críticos, nenhuma medida foi tomada contra os conspiradores de 11-A. E estes se aproveitaram disso, principalmente quando Washington anunciou a criação, em Caracas, de um... gabinete de transição<sup>26</sup>.

### 2.3. As diversas representações de Hugo Chávez

Era domingo quando Hugo Chávez, como de costume, apresentou seu tradicional programa “Alô, Presidente”, uma mistura de show, programa de variedades e palanque eletrônico, transmitido ao vivo por mais de quatro horas, semanalmente, pela televisão estatal. Faltavam dias para a tentativa de golpe que o tiraria do poder por 48 horas. Ainda fora do ar, nos jardins do Palácio de Miraflores, sede do governo, o presidente vestia uma jaqueta vermelha e pedia um apito. Correria no palácio à procura do objeto. Neste dia 7 de abril de 2002, Chávez fez as saudações iniciais com naturalidade e, apito na mão, começou a ler uma lista de nomes: “Senhor Eddie Ramirez, diretor-gerente de Palmaven... (Barulho de apito) *Off-side!* Está demitido de seu cargo na *Petróleos de Venezuela!*”.

Nesta mesma situação, foram demitidos sete altos gerentes da estatal petroleira, acusados de defenderem o *lock-out* que abalava, naquele momento, o país. Os expurgos na indústria de petróleo contabilizaram 18 mil demissões. A suspensão dos sete altos cargos ao vivo alimentaria a fúria anti-chavista nos dias seguintes. Monoglota, Chávez usara uma expressão inglesa, típica do beisebol, esporte mais popular do país. Gilberto Maringoni, autor de “A Venezuela que se inventa – Poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez”, defende que a escolha do termo “*off-side*” por Chávez representaria uma provocação de fundo cultural às elites ligadas aos Estados Unidos. Mas, por ser o próprio presidente um fã do esporte, assim como o cubano Fidel Castro, a expressão refletiria o lado impulsivo, provocativo e

popular do político. Chávez atingiu os nervos das classes dominantes venezuelanas, sem qualquer compostura prevista em seu cargo. Em uma entrevista, meses depois, o venezuelano admitiu, rindo: “Este foi um dos maiores erros que cometi, foi um abuso da minha parte”<sup>27</sup>.

Chávez ha apelado a los pobres con un estilo muy personal para tomar decisiones. Tiende a tomar posiciones impulsivamente, sin consulta previa, y muchas veces lanza ataques virulentos contra sus opositores. Además, ha sabido utilizar muy exitosamente los medios de comunicación, especialmente para dirigirse al pueblo. Todas las noches aparece en la televisión para comentar los hechos del día, defender sus actos, atacar a sus enemigos, y en general justificarse ante el público. Tiene un programa semanal llamado “Aló Presidente”, en el cual los ciudadanos pueden hacerle preguntas. Su estilo es conversacional, hasta callejero, y contiene desafíos explícitos o implícitos<sup>28</sup>.

Para as elites venezuelanas, acontecimentos como este fazem transparecer o ressentimento de *El Zambo* (mestiço entre branco e índio) com a parte branca e rica da sociedade. A oposição adaptou a forma como seus partidários o chamam, *Mi Comandante*, transformando-a em *Mico Mandante* – uma referência às origens não-brancas e às medidas controversas do presidente. A experiência de não-pertencimento de um líder político aos grupos tradicionais no poder (as oligarquias clássicas ou as ditas elites intelectuais) teve lugar, a partir de 2003, também no Brasil. Durante seu mandato, porém, Luís Inácio Lula da Silva passou a ser considerado um “Chávez adocicado”. O jornalista James Painter, da BBC, traça a comparação:

A retórica inflamada e nacionalista de Chávez e sua política de gastos estão muito longe da cautelosa política fiscal de Lula e sua economia ortodoxa.<sup>29</sup>

Pitoresco. Folclórico. Populista. Caudilho. Situações como as demissões dos gerentes da PDVSA na televisão estimulam caracterizações extremadas sobre o presidente. Mas não conseguem dar conta sobre o que ele representa na totalidade de seus atos e controvérsias. Em torno dos episódios que envolvem o petróleo, na matéria “América do Sul pende para a esquerda sem reviravoltas”, publicada no site da BBC Brasil, Painter – a despeito das atitudes polêmicas e surpreendentes de Chávez – escreveu:

Até o presidente Chávez, na Venezuela, nunca realmente ameaçou os interesses das empresas de petróleo que investem em seu país.<sup>30</sup>

A compreensão de Chávez como ameaça (ou a construção de sua imagem como uma) pode ter explicação também pela relação entre sua figura e os grupos hegemônicos, incluindo neles a mídia. O tenente-coronel Hugo Chávez Frías entrou na cena política venezuelana com a tentativa de golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, em fevereiro de

1992 – o que deu lugar a dois novos fatores (e muitas desconfianças). O primeiro foi o regresso inesperado de militares ao cenário político, uma vez que, ao contrário dos demais regimes militares na América Latina, a Venezuela teve seu último governo ditatorial na década de 50, com Marcos Pérez Jiménez. A aparente estabilidade democrática, frente os países vizinhos, e os lucros do petróleo que adornaram o país com uma riqueza volátil (defendem alguns pesquisadores como o sociólogo Emir Sader) produziram uma realidade ficcional. O segundo fator é uma sociedade civil reformulada (desde os eventos do *Caracazo*, em 1989) que abriu espaço para a emergência de um líder extremamente carismático, com um discurso anti-sistema e contrário aos dois desgastados partidos tradicionais.

O sistema político venezuelano mantinha-se de forma estática desde 1958, com o *Pacto de Punto Fijo*. O acordo firmado entre os partidos Copei, Ação Democrática (AD) e URD excluía forças importantes na derrocada do ditador Marcos Pérez Jiménez, como o Partido Comunista. Em documento da ocasião, os três partidos combinavam entre si a formulação de um “programa mínimo comum”, o que, na prática, se transformou em acertos para divisão do poder – tendo a AD e o Copei como sócios maiores no jogo.

Quatro décadas de sistema bipartidarista determinaram a aparição de uma espécie de relação clientelista entre diversos setores da sociedade – Forças Armadas, Igreja, sindicatos, grupos econômicos, partidos e movimentos políticos – que progressivamente se fixaram como co-participantes do “usufruto da renda petroléira”, por meio de subsídios, porcentagens e uma ampla burocratização, e que se bem asseguraram uma cômoda governabilidade durante vários anos, esconderam uma progressiva desintegração social.<sup>31</sup>  
**(tradução minha)**

O pesquisador Roberto Mansilla Blanco, da *Universidad Central de Venezuela* e analista do *Instituto Galego de Análise e Documentación Internacional* (IGADI), identifica como reflexo do *Pacto de Punto Fijo* a desintegração social e o *Caracazo*, em 1989. Em fevereiro do mesmo ano, retornara ao poder o ex-presidente Carlos Andrés Pérez, artífice da chamada “Venezuela saudita” da década de 70. À época de seu primeiro mandato, Pérez implantou amplos programas sociais às custas dos lucros do petróleo. Boa parte dos prédios modernos de Caracas, assim como os edifícios populares, foi construída neste período. De volta à Presidência, Pérez surpreendeu ao adotar uma linha econômica de ajustes estruturais, medidas monetaristas de cunho neoliberal e um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Nos dias 27 e 28 de fevereiro de 1989, significativa parte da população saiu às ruas, sem liderança e sem controle, para manifestar repúdio às medidas governamentais. O governo

respondeu com forte repressão. O saldo foi de centenas de mortos e uma profunda ruptura no papel da sociedade venezuelana.

Em 1992, seria a vez do grupo de militares liderado por Chávez a se insurgir contra Pérez. Na ocasião, o atual presidente venezuelano assumiu a autoria do golpe e terminou preso – sem antes proferir um discurso diante das câmeras de televisão, dirigido aos soldados ainda amotinados:

Lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos colocamos não foram atingidos na capital. (...) Companheiros, ouçam esta mensagem solidária. Agradeço sua lealdade, agradeço sua valentia, seu desprendimento e eu, diante do país e de vocês, assumo a responsabilidade deste movimento militar bolivariano. Muito obrigado.

A expressão “*por ahora*”, neste discurso, até hoje é usada por chavistas quando mencionados objetivos ainda não alcançados. Depois do episódio, porém, Chávez se recolheu por um bom tempo, não apareceu mais nos noticiários nem concedeu entrevistas. Curiosamente, quatro meses após a tentativa de golpe, pesquisas de opinião revelavam uma altíssima popularidade do então obscuro tenente-coronel: 64,7% da população o apoiavam. Sua imagem passou a ser veiculada em folhetos e cartazes ao lado de Che Guevara.

Cuando emergió en el escenario nacional de Venezuela, el coronel Hugo Chávez era un hombre maduro pero compacto de estatura. Su retrato se parecía muchísimo al de Juan Perón. Nació en un pueblo rural de una familia humilde e ingresó en el ejército cuando joven. Escogió la carrera de paracaidista y fue subiendo en la jerarquía con el tiempo, hasta llegar a ser teniente coronel. Aunque tenía poca preparación escolástica de tipo formal, poseía una mente viva, una excelente memoria, y un conocimiento poco común de la historia, especialmente la venezolana. También tenía un fuerte sentido de quién era y no se dejaba intimidar fácilmente<sup>32</sup>.

Chávez permanecia distante, por dois anos, na cadeia. Cinco anos mais tarde, em dezembro de 1998, o militar rebelde asseguraria uma vitória eleitoral com 56,2% dos votos pelo Pólo Patriótico, que reuniu forças política até então marginalizadas: o Movimento Quinta República (MVR, partido fundado por Chávez), o Movimento al Socialismo, o Partido Comunista etc. O novo governo assumia o país em crítica situação econômica e social, com índice de pobreza de 68% da população, desemprego superior a 10%, altas taxas de inflação, contração econômica e produtiva<sup>33</sup>.

Entre 1999 e 2000, Chávez começou a reunir seus primeiros inimigos políticos e desagradar a setores da sociedade e do Exército. Desde o princípio, os traços ideológicos e militaristas do novo regime motivaram as críticas, assim como o que se convencionou chamar

de “fascinação” de Chávez pela figura de Fidel Castro – seguida da aproximação entre os dois países. A ânsia pela formação de um eixo internacional anti-globalização com Cuba, com a Líbia e com o Irã, incluindo uma visita a Saddam Hussein no Iraque (agosto de 2000) potencializou as desconfianças e as rejeições de grupos que inicialmente já não eram tão favoráveis ao presidente. A tragédia natural do estado de Vargas, no final de 1999, relatada neste trabalho pela professora da UFRJ Laura Tavares (2.6. *As Missões Bolivarianas*), definiu também a preferência de Chávez por Cuba em detrimento dos Estados Unidos: a ajuda norte-americana foi rejeitada no lugar da cubana. Com informações de agências internacionais e do jornal *El País*, matéria publicada no jornal *O Globo*, em 29 de abril de 2005, comentava o estreitamento das relações entre os dois países:

Enquanto a distância e os desencontros entre Washington e o governo de Hugo Chávez são cada vez maiores, a aliança entre Caracas e Havana não apenas se fortalece como já se pode falar que a Venezuela é o principal pilar estratégico da economia cubana e da revolução<sup>34</sup>.

Além disso, Chávez levantou a bandeira anticorrupção durante a corrida eleitoral, mas, já nos primeiros anos de governo, este mal crônico na Venezuela mostrou-se pouco alterado. O FIEM (programa de subsídios agrícolas), por exemplo, até 2006 ainda era acusado de desvio de verbas. Na Venezuela, em janeiro de 2006, presenciei uma manifestação de pequenos produtores de grãos da região central de *Los Llanos*, celeiro agrícola do país. Um grupo de cerca de 50 homens e mulheres dormia há dois dias nas calçadas próximas ao Palácio de Miraflores e pleiteava falar diretamente com Hugo Chávez. Era a primeira vez que assistiria a uma ofensiva realmente popular contra o presidente. Então, me aproximei e perguntei sobre o que protestavam. Eles denunciaram o desvio de verbas destinadas ao incentivo da produção de gêneros alimentícios em pequenas propriedades. “São anti-chavistas, então?” A resposta veio em coro e aos brados. Eram partidários fervorosos de Hugo Chávez, o que me fez entender que o apoio ao presidente não ocorre apenas em épocas de boas colheitas. Existe uma lealdade canina de segmentos da população, que não desconhecem, porém, toda a sorte de desvios em estatais e ministérios. Os camponeses me explicaram que a corrupção é um problema sério no país, mas – um pouco como ocorre no Brasil de Lula e guardadas as devidas proporções – Chávez é blindado no quesito da ética.

#### **2.4. Breve discussão sobre populismo e neopopulismo**

Michael L. Conniff<sup>35</sup>, da Universidad de San José, trata a temática do neopopulismo latino-americano, a partir da década de 90, situando Chávez no subgrupo do “neopopulismo militar”. Mas, até chegar nele, é preciso entender as raízes históricas e as condições sociais que impedem a simples reciclagem do conceito. O populismo clássico, dos anos 40, 50 e 60 – e sua tentativa de ressurgimento nos anos 80 – é definido por Conniff como um movimento político encabeçado por um líder carismático, com seguidores em todas as classes sociais e cuja atuação produz uma grande expansão eleitoral. Para Octavio Ianni<sup>36</sup>, a base social do Estado populista tradicional provém de um sistema de forças heterogêneas, que reúne a burguesia industrial e o proletariado nascente e em expansão. A sustentabilidade populista é possível através desta aliança de classes, deixando de fora, porém, a burguesia agropecuária, vinculada tradicionalmente à economia primária exportadora, ao imperialismo e às crises econômicas cíclicas do modelo que representava.

O Estado populista se equilibra entre a mobilização das massas assalariadas urbanas e o seu controle efetivo. O autor identifica ainda a combinação do Estado, do partido da situação e do sistema sindical. Este último se apresenta como peça-chave para os governos populistas, que trataram de reorganizar o movimento sindical, trazendo-o para dentro da política oficial. Nestes casos, o sindicalismo passou a ser dependente do aparelho estatal e limitado às finalidades da política populista. A sindicalização atrelada ao governo implicou no esvaziamento político da luta trabalhista, uma vez que, ao atingir certos níveis de burocratização e “estatização”, afastou-se em excesso da classe que deveria representar. O amortecimento da luta política dentro do movimento sindical foi fundamental para transformar em aliados indivíduos que estiveram, historicamente, em conflito com o governo. Ianni aponta ainda a técnica de cooptação como forma eficaz de neutralizar a oposição e reforçar a base de aliados.

Na década de 90, Conniff traça o perfil do novo populismo, que, segundo o autor, teria o brasileiro Fernando Collor de Mello e o argentino Carlos Menem como alguns de seus representantes:

Los neopopulistas eran predominantemente muy jóvenes, blancos, de clase media, universitarios, y elocuentes. Habían viajado al exterior y podían hablar de problemas globales. Como sus antecesores clásicos, ninguno había seguido una carrera militar<sup>37</sup>.

Chávez é inadaptável tanto na definição clássica do populismo como na do novo populismo. Com origem mestiça, interiorana, pobre e militar, contava apenas com a eloquência dos antigos e novos líderes populistas. Não seguiu, tampouco, a ortodoxia das políticas econômicas de seus contemporâneos na América Latina – optou por uma visão que classifica como “humanista” dos gastos governamentais. O venezuelano também difere do populismo clássico em questões importantes: não investiu na aliança das classes, pelo contrário, é acusado constantemente de dividir o país entre ricos e pobres – e, por vezes, até de inventar a existência de uma sociedade segmentada; não recebe apoio do sindicalismo, que foi ainda fundamental na articulação da tentativa de golpe de Estado, em 2002; a luta política não foi amortecida pelo papel conciliador da sua figura; e os trabalhadores agrários não foram relegados ao segundo plano, atrás das massas assalariadas urbanas (no pacote das 49 leis habilitantes, promulgadas pelo presidente em 2001, a Lei de Terras e do Desenvolvimento Agrário esteve entre as mais polêmicas).

Conniff atenta também para uma menor ênfase na cultura popular pelo discurso neopopulista. Chávez trilha o caminho inverso pela adesão de signos extremamente populares: desde a frequência das citações religiosas até a constante referência a Simón Bolívar. Conhecido com *El Libertador*, Bolívar liderou os processos de independência da Venezuela, do Peru, do Panamá, do Equador e da Colômbia. Nascido em 1783 na capital venezuelana, é um personagem extremamente popular no país, e seu nome batiza boa parte das avenidas e praças, em qualquer cidade, assim como casas de comércio e universidades. Guias internacionais de viajantes atentam para a reverência com que venezuelanos tratam sua memória, “como se fosse um santo”, e alertam que contestar seu heroísmo significa uma grave ofensa para boa parte deles.

Chávez invocó la imagen de su héroe, Simón Bolívar, como modelo del líder que él quería emular. Bolívar goza de una reverencia casi sagrada entre los venezolanos, y su vida provee un sinfín de anécdotas, dichos, aforismos, ejemplos y verdades<sup>38</sup>.

O perfil do neopopulismo militarista, segundo Conniff, ainda não está completamente claro – uma vez que apresenta semelhanças e diferenças profundas com as demais modalidades. Existe um antagonismo histórico entre os militaristas e os clássicos. Quase todos os clássicos não se entendiam com militares, que, salvo raras exceções, depuseram mediante força os regimes populistas latino-americanos. O argentino Juan Domingos Perón é a grande exceção na incompatibilidade entre a carreira populista e militar. Ainda assim, Perón teve problemas com o alto comando militar, que o depôs em 1955. A situação é parecida com

a de Chávez e dos representantes de altas patentes, que estiveram contra ele na tentativa de golpe em 2002. Portanto, o sistema de forças que sustenta Chávez no poder é bastante diferente das experiências populistas anteriores. O populismo chavista, entendido assim pelo jornal *O Globo*, é justificado pelas marcas superficiais na retórica e na figura do presidente venezuelano. Em especial, pelos excessos personalistas e pelo nacionalismo em tempos globais. Tantas peculiaridades e pistas divergentes fazem de Chávez um fenômeno em aberto, inadaptável aos conceitos pré-existentes e, ao mesmo tempo, o produto inacabado de uma sociedade em ebulição.

## 2.5. Petróleo: combustível dos conflitos

A Venezuela é o quinto maior produtor de petróleo do mundo, membro ativo da Organização de Países Exportadores de Petróleo, com uma produção de 2,6 milhões de barris por dia, sendo 2,1 milhões exportados diariamente. O país possui a primeira reserva mundial deste recurso e a oitava maior de gás natural. O produto é fator-chave para o entendimento das crises políticas na Venezuela. A companhia estatal de petróleo, *Petróleos de Venezuela* (PDVSA), teve, historicamente, autonomia em relação ao poder governamental. Há acusações de que a PDVSA tenha operado milhares de postos de gasolina e três refinarias dentro dos Estados Unidos durante 35 anos, sem ter remetido os lucros de volta para a Venezuela. Além de substituir as lideranças da PDVSA por quadros de sua confiança, o presidente Chávez também controlou a produção e elevou os preços. Meses depois, eclodiu uma greve na empresa estatal de petróleo, orquestrada por seus dirigentes tradicionais, conhecidos como “*oil-ligarquia*”. Apenas no ano de 2002, ocorreram quatro *lock-outs*. No ano seguinte, a economia registrou queda de 9,5%, o que arruína o país e sabota os programas sociais do governo<sup>39</sup>.

Em discurso transmitido pela televisão, pouco antes da tentativa de golpe contra Chávez, em 2002, o diretor da CIA, George Tenet, afirmou: “Obviamente que a Venezuela é importante, porque é o [nosso] terceiro maior provedor de petróleo. Eu diria que o senhor Chávez não está preocupado com os interesses dos Estados Unidos”<sup>40</sup>. A dependência, contudo, é mútua: o petróleo é vital para a economia da Venezuela, que atingiu um grau extremo de dependência do recurso em seu orçamento e tem os Estados Unidos como seu maior comprador. À época, a agricultura estava em grau alarmante de atrofia e o país precisava importar a maior parte dos gêneros alimentícios que consumia. Apenas 7% da



população ainda vivem no meio rural, do total de 25,4 milhões de habitantes. O petróleo responde por 80% dos ganhos econômicos da Venezuela<sup>41</sup>.

Chávez declara que um de seus maiores desafios é usar os lucros do petróleo para diversificar a economia e distribuir renda. O governo criou mercados e bibliotecas populares, onde se vendem gêneros de primeira necessidade por preços mais baixos e se distribuem gratuitamente títulos da literatura universal, como “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. Na área da saúde, Venezuela e Cuba firmaram um convênio que consiste no atendimento gratuito de venezuelanos pelo serviço médico cubano. O governo venezuelano se compromete a fornecer o transporte aéreo dos pacientes até a ilha nos casos mais graves, sem contar a atuação dos médicos cubanos na própria Venezuela. A oposição acusa-o de se autopromover com viagens médicas desnecessárias, como é caso das operações de catarata, que, pela simplicidade, não deveriam ser realizadas em um país estrangeiro. O convênio faz parte do acordo sobre a venda de petróleo a menores preços para Cuba e reflete a aproximação entre as duas nações – que não é bem vista pelas elites do país e do exterior. A Venezuela faz doações de 90 mil barris de petróleo por dia para Cuba.

## 2.6. As missões bolivarianas

A sanitarista, doutora em Economia do Setor Público e professora da UFRJ, Laura Tavares<sup>1</sup>, foi convidada, em 2000, pelo Ministério da Saúde da Venezuela para ajudar na reformulação do sistema ambulatorial do país. O “Desastre de Vargas”, uma das maiores catástrofes naturais vividas pela Venezuela no século XX, que devastou cidades inteiras e deixou milhares de mortos com desabamentos e inundações, havia acontecido poucas semanas antes da chegada de Laura ao país. Integrada a uma das “Missões Bolivarianas”, a professora da UFRJ presenciou, no estado de Vargas, na costa caribenha da Venezuela, o funcionamento destas organizações que reúnem esforços do Estado, da população civil e das Forças Armadas, que romperam o cerco dos quartéis para tomar parte na vida pública do país.

Laura conta, em tom de crítica, como os médicos venezuelanos desapareceram durante o “Desastre de Vargas”. Na área da saúde, principalmente, as Missões Bolivarianas contam com o trabalho dos médicos cubanos, que, segundo ela, têm mais enraizado o espírito de solidariedade. O *Barrio Adentro*, programa social em que os médicos habitam os locais mais carentes, como favelas, para prestar atendimento integral à população, é amparado, sobretudo,

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 2005.

pela presença dos profissionais cubanos. O setor médico na Venezuela, segundo Laura, é muito elitista e ainda não assimilou os valores dos novos tempos. Os opositores de Chávez vêm com maus olhos os médicos, professores e treinadores esportivos cubanos no país, sob acusação de que são quadros políticos de disseminação do comunismo. Já os médicos venezuelanos tentam impedir o trabalho dos profissionais cubanos, acusando-os de não possuir diploma compatível ao exigido no país.

As Missões se traduzem também em cooperativas de trabalhadores e em programas de alfabetização. O governo venezuelano adotou o modelo cubano de alfabetização *Yo si puedo* (Sim, eu posso). Em 28 de outubro de 2005, a Venezuela se declarou território livre do analfabetismo, com o reconhecimento da Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). Em declaração na época, o ministro venezuelano da Educação e Esportes, Aristóbulo Istúriz, afirmou:

Tínhamos um milhão e meio de analfabetos e, no final de outubro deste ano, acabaremos de ensinar a ler e escrever as últimas 45 mil pessoas (...) Antes, a educação preparava as pessoas para serem consumistas, não para produzir. Agora, é preciso mudar isto e criar um ser solidário, criativo e que saiba conviver<sup>42</sup>.

A oposição acusa Chávez, porém, de politizar a educação, à medida que recebe professores cubanos e discursa por uma reformulação de seus objetivos – sob o risco de uma reciclagem tropical da Revolução Cultural chinesa.

O presidente estimula a organização popular através dos “Círculos Bolivarianos”, definidos pela professora Laura Tavares como “a capilarização dos canais de fazer política”. Os Círculos são uma espécie de comitês de bairro, onde cidadãos comuns se encontram para discutir questões públicas, aprender a Constituição e fazer reivindicações ao governo. Para Laura, é importante a participação do governo neste processo, pois permite que os problemas levantados pela população cheguem até as autoridades e cria a possibilidade de soluções oficiais. Não raro os Círculos Bolivarianos são comparados também aos Comitês de Defesa da Revolução:

Chávez ha organizado grupos comunitarios de apoyo, llamados Círculos Bolivarianos, que ejercen funciones semejantes a los comités de defensa de la revolución en Cuba o las mazorcas de Perón. No es una táctica nueva, pero también tiende a multiplicar las confrontaciones en las bases partidarias.

Questionada sobre as chances de um retrocesso futuro, na perspectiva da Venezuela sem Chávez, Laura Tavares responde com firmeza: “Só com um golpe da direita política, que

implique necessariamente em violência contra o povo”. E completa: “Não há como fazer uma transição tranqüila. É pouco provável uma alternância entre esquerda e direita como é aqui”. Com estas palavras, Laura adianta o fato de que as mudanças promovidas pelo governo Chávez foram protegidas através da legislação, que reformou os três poderes do Estado. Não é só o presidente Chávez que anda com uma cópia da Constituição nas mãos, mas também a população passou a repetir este hábito, conscientizada através dos “Círculos Bolivarianos” sobre as regras que regem a Venezuela.

A professora Laura Tavares conclui: “É um caminho venezuelano, diferente do cubano e não há como exportá-lo. A lição que a gente pode tirar é sobre a necessidade de operar mudanças políticas e transformações sociais sem ficar amarrado aos indicadores econômicos”.

### 3. O ‘mal do populismo’ em *O Globo*

#### 3.1. As preliminares de um golpe:

*“Com Hugo Chávez, certamente o continente não será mais o que era”*

(*O Globo*, 20/ 01/ 2002: Sobre a preocupação americana em relação à América Latina)

O golpe de Estado contra Hugo Chávez, em 11 de abril de 2002, que duraria 48 horas, criou uma certa confusão no discurso do jornal *O Globo* sobre a Venezuela – uma vez que os alarmes sobre a sua impopularidade não se confirmariam após o apoio popular recebido pelo presidente na ocasião da quartelada. De janeiro a abril, as matérias retratavam a “crescente impopularidade do presidente Hugo Chávez”<sup>43</sup> e a deterioração do país em seu governo: “80% da população vivem na pobreza, o desemprego está em 20% e o preço do petróleo (seu principal produto de exportação) está baixo”<sup>44</sup>. A “guerra das marchas”, citada no capítulo anterior, teve destaque na cobertura do pré-golpe. No 44º aniversário do fim da ditadura militar na Venezuela, militantes chavistas e anti-chavistas foram às ruas da capital impulsionados pelo tema da democracia. A matéria de *O Globo* anunciava que existiam cem mil pessoas de cada lado, mas não especificava quem seria responsável pela estatística: os organizadores, o governo, a polícia ou a própria imprensa.

Uma grande coalizão de partidos políticos, sindicatos e empresários aproveitou a data para protestar com a "Grande marcha pela liberdade e democracia venezuelanas" contra o que definiram como o estilo autoritário de Chávez governar. Ela reuniu pessoas de várias regiões do país na Praça O’Leary, e chegou em alguns momentos a superar a passeata pró-governo em número de manifestantes. "Fora Osama bin Chávez" dizia um dos cartazes.<sup>45</sup>

O suposto autoritarismo de Chávez é relacionado, muitas vezes, à sua carreira militar e à tentativa de golpe de Estado contra o presidente Carlos Andrés Pérez, em 1992. No fragmento acima, o atual presidente é comparado a Osama Bin Laden, líder da rede terrorista Al-Quaeda que realizou os atentados às Torres Gêmeas, em Nova York, e ao Pentágono, em Washington, em 2001. Apenas em Nova York, foi registrado um total de 2.749 mortos. A comparação desproporcional entre os dois personagens leva a duas percepções. A primeira é que Chávez tem uma oposição virulenta, que – no ano seguinte aos atentados – utilizava um discurso alinhado à luta contra o terror. Neste caso, o grupo faria referência ao terror de

Estado. A nomeação do “Eixo do Terror”, pelo presidente George W. Bush, que, em sua concepção, dividiria o mundo em bons e maus países, traria adiante uma crescente necessidade de classificação da Venezuela em um dos dois lados. O primeiro “companheiro” de Chávez nesta jornada entre semelhantes e rivais seria, metaforicamente, o terrorista número um dos Estados Unidos.

A referida “superação” da passeata pró-governo, “em alguns momentos”, pelos militantes da oposição, é também uma pista sobre os arranjos numéricos. O mesmo texto afirma que a marcha a favor de Chávez foi concentrada na frente da Assembléia Nacional (o que, no discurso, daria um tom “oficialista” e pouco espontâneo à manifestação), onde o presidente se misturou à multidão, vestindo uma jaqueta com as cores da bandeira, e prometeu acabar com “o latifúndio imoral que freou o desenvolvimento do país”. A frase de impacto delineia uma personalidade caracterizada como intempestiva e quiçá perigosa. Em ordem direta, Chávez afirmava no texto: “Que ninguém durma, que ninguém se descuide. Estamos com as botas calçadas, prontos para sair em defesa do processo revolucionário”. As botas calçadas, o processo revolucionário e a conclamação da vigília são identificados, por boa parte do público-alvo do jornal *O Globo*, como emblemas de um projeto fracassado e aventureiro, enterrado no século passado, sobretudo após a onda neoliberal da década de 90 na América Latina. As frases de Chávez usadas nesta matéria, longe de contextualizar o cenário político venezuelano, ajudam a construir sua figura como um político arcaico, intempestivo, militarista e cuja retórica é inócua.

Com a queda do preço do petróleo e o país enfrentando uma grave crise econômica, sua popularidade caiu. Chávez radicalizou seu discurso contra empresários, sindicalistas e os meios de comunicação. Analistas políticos consideraram a passeata da oposição um passo a mais na construção de um bloco contrário ao governo. No dia 10 de dezembro, uma aliança de empresários e centrais sindicais conseguiu parar o país.<sup>46</sup>

Em mais uma oportunidade, o jornal destacou a “impopularidade” de Hugo Chávez em seu país. As passeatas em Caracas, confirmam “analistas políticos” (como se fossem uma categoria coesa em torno de uma posição), representam uma queda-de-braço entre governo e oposição. As aspirações de todo o país passam a ser medidas pelo alarde das manifestações em Caracas. Um alarde potencializado pelas interpretações da imprensa sobre o número de participantes e a importância dos eventos. A aliança de empresários e de centrais sindicais que “conseguiu” parar o país, num feito entendido como mobilização em prol da democracia, foi bem recebida na matéria jornalística. Não se levantou, porém, a suspeita de que um *lock out* poderia desfavorecer a economia e a sociedade venezuelanas. O fragmento acima também

afirma que Chávez teria radicalizado o discurso contra “empresários, sindicalistas e os meios de comunicação”. No momento seguinte, a matéria narra a formação de um bloco anti-Chávez, mas exclui a participação dos meios de comunicação, deixando apenas o setor empresarial e o sindical. A idéia foucaultiana de que o poder só consegue ser aceito quando mascarado é bem engendrada nesta situação. A imprensa terá o poder de conduzir a História política da Venezuela enquanto não for clara a sua própria participação nela.

A instabilidade política proporcionada por Chávez, tema recorrente entre a oposição interna e externa (liderada pelos Estados Unidos), é tratada em matéria “Chávez anuncia a saída de ministro do Interior”<sup>47</sup> e o subtítulo, “Militar é escolhido para a pasta, na terceira mudança do mês no gabinete venezuelano”. O ex-líder comunista Luis Miquilena, então ministro do Interior, por mais conhecido que seja em território venezuelano, não desperta qualquer familiaridade aos leitores de *O Globo*, que muito dificilmente conhecem sua trajetória política no país vizinho. Miquilena também não chega a ser o centro deste título. Cabe a Chávez o papel ativo de anunciar a saída de um ministro, num gesto que, como atesta o subtítulo, indicaria falta de solidez nas instituições venezuelanas sob seu comando. Luis Miquilena, como Ramón Rodríguez Chacín e Andina Bastidas, são apenas nomes jogados em um texto, com pouca ou nenhuma representatividade para os leitores. Mesmo assim, funcionam como o “gancho” para discutir a instabilidade política.

Segundo rumores, Miquilena buscava diálogo entre os diferentes setores sociais, mas Chávez radicalizava sua posição contra quem discordava de seu regime. Em seu lugar entra Rodríguez Chacín, militar da reserva e homem da confiança de Chávez, desde que este tentou derrubar o presidente Carlos Andrés Pérez.<sup>48</sup>

Os rumores começam a se firmar como fonte de informações. Neste caso, eles reiteram o caráter autoritário do presidente, defendendo a postura “democrática” e “politicamente articulada” de Luis Miquilena – a incógnita figura pouco conhecida no Brasil. Quem está por trás dos “rumores” é a pergunta que leitores mais atentos provavelmente farão. O ex-presidente Carlos Andrés Pérez formará, daqui por diante, o grupo visto como adversário de Chávez – não efetivamente na política, mas no imaginário. Nesta reportagem, informações sobre Pérez são colocadas no pé do texto, contribuindo para uma ambivalência necessária: “Ontem, o Tribunal Supremo de Justiça aprovou uma iniciativa para solicitar aos EUA a extradição de Pérez. Ele é acusado de enriquecimento ilícito”.<sup>49</sup>

Pérez é constantemente citado nos noticiários, destacando-se como uma voz contrária a Chávez. O problema está, em repetidos casos, na falta de elucidação sobre seu passado: o

ex-presidente sofreu um *impeachment* em 1993. Um ano antes, curiosamente, o Brasil também presenciara um *impeachment* de presidente. Diferente do caso venezuelano, Collor foi banido da política até 2006, quando se elegeu senador da República. Antes de deixar a Presidência, Pérez atravessara também o *Caracazo*, movimento popular espontâneo e sem liderança que tomou as ruas caraquenhãs em 1989, como protesto aos acordos firmados por ele com o Fundo Monetário Internacional. Pérez, portanto, não é exatamente um exemplo de conduta política a ser seguido.

Em fevereiro de 1989, o Conselho de Ministros autorizara que uma soma equivalente a 250 milhões de bolívares – aproximadamente 6,5 milhões, ao câmbio da época – fosse destinada à dotação de um orçamento secreto, privativo do Presidente da República. Em novembro de 1992, o então jornalista José Vicente Rangel (atual vice-presidente da Venezuela) denuncia desvios na utilização daquele dinheiro. Uma investigação realizada pelo Congresso descobre que parte daquele montante destinou-se a financiar a segurança de Violeta Chamorro, presidente da Nicarágua.<sup>50</sup>

### 3.2. A campanha tirânica contra a tirania

A partir de oito de fevereiro de 2002, o assunto “Forças Armadas” toma vulto no noticiário.

- **08/ 02/ 2002:** *Coronel pede renúncia de Chávez e é preso;*

*Subtítulo: Libertado, militar lidera centenas em manifestação.*

- **09/ 02/ 2002:** *Descontentamento nos quartéis;*

*Subtítulo: Adesão de militar a protestos contra Chávez agrava situação do governo venezuelano.*

- **13/ 02/ 2002:** *Militar dissidente dá ultimato a Hugo Chávez;*

*Subtítulo: Coronel Pedro Soto exige que presidente da Venezuela mude sua postura até 19 de abril.*

- **19/ 02/ 2002:** *Almirante se rebela e pede saída de Chávez.*

*Subtítulo: Militar acusa presidente da Venezuela de instaurar tirania. Ministro da Defesa diz que quartéis estão calmos.*

- **25/ 02/ 2002:** *Crise na Venezuela preocupa EUA;*

**Subtítulo:** *Pela primeira vez, governo sugere que Chávez pode não concluir mandato.*

- **27/ 02/ 2002:** *General pede renúncia do presidente Chávez;*

**Subtítulo:** *Oficial é o quarto a manifestar-se por saída do líder venezuelano. Chavistas e opositoristas vão hoje às ruas.*

- **12/ 04/ 2002 (GOLPE MILITAR):** *Rebelião e morte;*

**Subtítulo:** *Militares se voltam contra Chávez e afirmam que controlam a Venezuela.*

O primeiro episódio que desencadearia o suposto conflito entre as Forças Armadas e o presidente Hugo Chávez teria ocorrido quando um coronel da Aeronáutica foi preso após discursar em uma “conferência sobre liberdade de imprensa, promovida pela mídia”, onde pediu a renúncia de Chávez. Mais uma vez, a participação dos meios de comunicação não se dá de forma clara. Na ocasião, o coronel “foi aplaudido várias vezes por um público que gritou: Liberdade, liberdade!”, conforme publicou *O Globo*, em 08 de fevereiro de 2002. O coronel Pedro Luis Soto, preso por insubordinação, foi libertado no mesmo dia e, segundo o relato do jornal, teve “centenas de manifestantes” cercando-o aos gritos de “Fora Chávez”. O pé da matéria, onde se acrescenta, de costume, alguma informação adicional a fim de ajudar a compreensão do texto, retoma a questão da queda de popularidade:

Pesquisas mostram que a popularidade de Chávez caiu bastante desde que chegou ao poder, há três anos. Sua tentativa de golpe, em 1992, foi contida por forças leais ao então presidente Carlos Andrés Pérez. A Globovision disse que Soto trabalhou com Pérez. Chávez tem sido criticado pela Igreja, pela mídia e pelos EUA<sup>51</sup>.

A referência ao ex-presidente Carlos Andrés Pérez, já tratada anteriormente, desta vez, não veio seguida de uma explicação sobre seu desfecho político. A julgar exclusivamente por este texto, Hugo Chávez teria empreendido uma tentativa de golpe de Estado contra um presidente capaz de reunir “forças leais”. Esta qualidade de Pérez contrasta com a contestação do coronel ao poder de Chávez, evocando uma suposta rejeição militar ao presidente. Por fim, a matéria apresenta um cenário dos mais pessimistas para Chávez. O conjunto de matérias até



este momento já deixa latente um veredicto martelado com força pouco tempo depois: a Venezuela inteira está contra Hugo Chávez.

Na matéria do dia seguinte, em nove de fevereiro de 2002, os “centenas de manifestantes” se transformariam no noticiário em milhares: “Soto pedira a renúncia de Chávez num fórum sobre liberdade de expressão. O discurso, que ganhou ampla repercussão, foi o suficiente para levar milhares de pessoas às ruas.”<sup>52</sup>

Nas duas matérias, um interlocutor do governo ou das Forças Armadas afirmava que as opiniões do coronel não representavam a instituição. O pé da matéria, mais uma vez, é emblemático:

A Venezuela enfrenta uma grave crise econômica, com alta taxa de desemprego e queda no preço do petróleo. A instabilidade no país tem gerado a venda maciça de dólares. A popularidade de Chávez, que já foi de 80%, **hoje está em cerca de 20%** (grifo meu). Ele já perdeu apoio da maioria dos partidos que sustentavam seu governo e de setores como empresários e sindicatos.

O coronel dissidente, que ganhou expressivo destaque nas páginas de *O Globo*, frisa que “Os venezuelanos não querem golpe de Estado. Nós, militares, somos oficiais com pensamento democrático. Apenas pedimos ao presidente que renuncie e convoque eleições”. O discurso do militar, em ordem direta, é usado para explicar uma questão ambígua: Chávez é acusado de autoritário e golpista, tendo sua insígnia militar citada vez ou outra, de forma a remexer, oportunamente, na trágica lembrança latino-americana sobre ditaduras militares. Ao mesmo tempo, o insurgente que ganha as páginas de *O Globo* é tão militar quanto Chávez e os extintos ditadores latino-americanos. E mais: o coronel desfia ameaças e exigências (“Soto exige que Chávez não mais utilize uniformes militares para fazer pronunciamentos e pare de fazer ‘chamados de guerra, violência e luta de classes’ em seus discursos”<sup>53</sup>), além de determinar um prazo para a saída do presidente. Como confiar então em um militar que pede a cabeça de um presidente legitimamente eleito? A promessa da convocação de eleições livres soa como música para os ouvidos da oposição. Mesmo que no histórico do continente, este tipo de promessa nem sempre tenha sido cumprida.

A falta de precisão quanto à popularidade do presidente está destacada no fragmento, que garante uma queda de 80% de aprovação para 20%. Dez dias depois, a reportagem “Almirante se rebela e pede saída de Chávez” afirma que o venezuelano teria despencado de 80% para 40%. As fontes das pesquisas estão ocultas e, diante da ofensiva popular contra golpistas em abril do mesmo ano, provariam-se duvidosas.

No meio das críticas, uma voz se levantou a seu favor (*de Chávez*). O presidente de Cuba, Fidel Castro, reiterou o apoio. - Chávez é o maior democrata de toda a América do Sul - disse.<sup>54</sup>

O fragmento acima sela o fim da discussão na matéria sobre o descontentamento nos quartéis. A referência sobre a voz que se levanta a favor de Chávez é uma ironia: pela pouquíssima relevância diplomática de Fidel que, isolado em sua ilha, amarga ainda um embargo econômico; e pelo cubano, no poder desde 1959, classificar alguém como democrata, uma vez que ele mesmo é um ditador. Adiante, Fidel e Chávez voltarão a aparecer juntos, resultando na sobreposição da imagem de um em outro pela mídia.

Entre a seqüência de matérias sobre a “sublevação” militar na Venezuela, o jornal abriu espaço para duas entrevistas com os ditos “especialistas”. Na coluna “Corpo a Corpo”, dois acadêmicos da Universidad Simón Bolívar explicaram o que estaria acontecendo no país. Em jornais, as entrevistas com os especialistas são usadas para esclarecer cenários complexos em que dados importantes são retomados a fim de ampliar a visão dos acontecimentos.

- **09/ 02/ 2002: HERNÁN CASTILLO**

#### **Um porta-voz do mal-estar**

Para Hernán Castillo, professor de ciências políticas da Universidade Simon Bolívar, o militar que pede a renúncia de Hugo Chávez é porta-voz do descontentamento na Venezuela. (...)

*O governo tenta ligar o coronel Pedro Soto ao ex-presidente Carlos Andrés Perez, destituído em 1993. Essa ligação permanece? (Pergunta de O Globo)*

CASTILLO: Soto só foi ligado a Perez no passado. Esse fato não é relevante. O que é relevante é o descontentamento, o mal-estar do qual é porta-voz.

- **27/ 02/ 2002: ANIBAL ROMERO**

#### **‘Os militares estão inquietos’**

Para Anibal Romero, professor de ciências políticas na Universidade Simon Bolívar, de Caracas, os militares venezuelanos estão insatisfeitos com Chávez e gostariam de vê-lo fora do poder.

As duas entrevistas, publicadas em intervalo menor que um mês, foram realizadas com professores de ciências políticas da mesma instituição e refletem as mesmas posições sobre o assunto. Duas vezes que reproduzem a mesma matriz ideológica, no lugar de promoverem a intertextualidade e ampliarem as possibilidades de sentido da cobertura, orientam a opção por um caminho único.

### 3.3. A lógica do ‘telefone sem fio’

Às vésperas do golpe, a relação de Hugo Chávez com os Estados Unidos se tornaria decisiva. O temperamento desafiador do presidente frente às “orientações” norte-americanas é relatado em matérias que delatam a indisciplina do venezuelano. Ao mesmo tempo, a reportagem “Vizinhos Esquecidos – Bush ainda tem agenda indefinida para América Latina, enquanto crises se espalham”, em 20 de janeiro de 2002, aponta uma certa esperança de que o governo americano “coloque ordem na casa”, com instrumentos talvez mais refinados do que o antigo *big stick*. A matéria “Crise na Venezuela preocupa EUA”, originalmente do jornal americano The Washington Post, segue este mesmo viés:

A Casa Branca tolerou durante um longo período o populismo de Chávez e sua tendência de provocar os EUA - ele apoiou o presidente cubano Fidel Castro e se opôs à ajuda americana à Colômbia para combater os narcotraficantes. Mas as críticas de Chávez à guerra contra o terrorismo e suas ácidas respostas a oponentes políticos internos mudaram essa dinâmica. Bush não o convidou para um encontro com presidentes andinos no mês passado.<sup>55</sup>

O uso do verbo “tolerar”, no sentido de consentimento temporário, traz implicitamente a possibilidade da não-tolerância – que, pelo peso da palavra, vai muito além da aprovação diplomática ou não. O populismo é outro elemento corriqueiro que, neste trecho, é colocado como uma classificação da Casa Branca. O significado do conceito permite uma longa discussão historiográfica, mas, ao ser incorporado pela imprensa, assume conotações exclusivamente negativas ligadas ao charlatanismo político. O mesmo texto ressalta a “provocação” de Chávez ao firmar alianças com inimigos dos Estados Unidos, como o presidente cubano Fidel Castro, e não comprar a “luta contra o terror”. Neste caso, torna-se óbvia a classificação da Venezuela de Chávez no dito Eixo do Mal. Boatos sobre um suposto apoio do presidente às Farc colombianas são reverberadas na matéria. A “ajuda americana” à Colômbia tampouco é contestada: o país realmente precisa desta ajuda ou qual seria a contrapartida para este apoio?

A tolerância americana se transformou em irritação, quando Chávez mostrou uma foto de crianças afegãs mortas, dizendo que os americanos estavam "combatendo o terror com o terror" e conclamando o governo Bush a parar com o "massacre de inocentes".

O olhar americano sob a América Latina, ainda pouco distanciado dos ataques terroristas que abalaram os Estados Unidos, trata com estranheza e desconfiança as críticas de Chávez sobre problemas óbvios da guerra iniciada contra o paupérrimo Afeganistão.

Possivelmente, os leitores de *O Globo* estariam mais inclinados a concordar, nesta questão, com Chávez. Mas as proposições do texto, que utilizou consensos formados na sociedade americana, naquele momento específico, orientavam para uma interpretação pouco receptiva às palavras do venezuelano. O efeito do “telefone sem fio” – a brincadeira em que uma criança inicial escolhe uma frase, que é passada adiante, em uma cadeia de pessoas, até que a última revele as palavras que ouviu – é uma possível consequência do uso excessivo de material de agências de notícia e de jornais estrangeiros. Em função da notoriedade dos veículos, as informações são geralmente aceitas e traduzidas sem muita contestação, o que pode resultar na graça – ou tragédia – da brincadeira do “telefone sem fio”: os sentidos se perdem no caminho, são adaptados pela subjetividade de pessoa por pessoa e o acontecimento inicial se torna uma aberração.

### 3.4. A dúvida entre renúncia e golpe

No dia 12 de abril de 2006, auge do golpe de Estado contra o presidente Hugo Chávez, o jornal *O Globo* publicava reportagem do jornal peruano *El Comercio* (do Grupo de Diários América) sobre a situação política na Venezuela: “Sites noticiosos driblam censura”<sup>56</sup>. De início, a escolha por informações vindas do Peru, que, diferente do Brasil, sequer faz fronteira com a Venezuela, traz a suspeita de que *O Globo* reproduza o pensamento de que os países latino-americanos sejam todos a mesma coisa – situando a identidade brasileira, claramente, fora da América Latina. O texto, assinado por Juan Carlos Luján, deixa escapar, logo na primeira linha, a gafe de caracterizar Chávez como um “ditador”. Pela seqüência de matérias publicadas pelo jornal antes do golpe, que denunciavam a “impopularidade” do presidente e sua aproximação com Fidel, com as Farc colombianas e com governos obscuros do Oriente Médio e da Ásia, neste momento, para o leitor, não soaria tão estranha a afirmação. A eleição legítima e democrática, que levou Chávez ao Palácio de Miraflores, já estaria muito distante do contexto dos enunciados.

Controlar os meios de comunicação e cobrir a realidade com informação parcial é o desejo de todo **ditador** (grifo meu). Mas com a internet esses desejos de poder são inviáveis. Ontem, Hugo Chávez obrigou as cinco estações de televisão a retransmitir sua mensagem ao país e elas assim o fizeram. Mas a tecnologia e a globalização permitiram que continuassem seu trabalho para **denunciar** (grifo meu) o intervencionismo e informar, passo a passo, tudo o que Chávez pretendia ocultar: um país dividido por seus atos. Foi

assim que a Globovisión, um dos canais que sofreram intervenção, se converteu **na melhor fonte de informação para os internautas de todo o mundo** (grifo meu) interessados em saber o desenlace da manifestação de centenas de milhares de pessoas contra o governo. As quedas seguidas de sua página na internet refletiam o número de visitas ao site.

Os supostos “desejos de poder” do presidente, sobre os quais somente ele poderia afirmar, seguem a linha ditatorial, segundo a reprodução feita pelo *Globo*. Chávez teria obrigado as televisões privadas – antes disso, porém, concessões públicas – a retransmitir sua mensagem ao país em que ocupa o cargo máximo. Portanto, sua mensagem, neste caso, deveria ser de interesse não apenas jornalístico como geral - concordassem com o conteúdo ou não os veículos de comunicação. O que se segue à avaliação do diário peruano é o enaltecimento do heroísmo da imprensa venezuelana. As cifras, mais uma vez, voltam à casa das “milhares de pessoas contra o governo”, embora não tenha sido esclarecido se havia, ou quantas eram, as pessoas favoráveis ao presidente deposto. O restante da reportagem discorre sobre ao que considera “luta” das emissoras de TV em denunciar os disparates do presidente numa completa inversão da realidade. Já não era o presidente que sofria um golpe, mas as sofridas emissoras de TV. Em outra matéria publicada no mesmo dia, “Medo de guerra civil tomou conta do país”<sup>57</sup>, a vitimização da mídia continua “Muitos temiam uma reação dos partidários do presidente. O jornal "El Nacional" reforçou a segurança em torno de sua sede na capital”. Também no dia 12 de abril, a matéria “Mentor de Chávez culpa-o por massacre”, referente ao confronto entre partidários e opositores do presidente no dia anterior, lançava acusações do ex-ministro do Interior Luis Miquilena sobre a divisão artificial do país entre ricos e pobres – argumento sustentado por críticos do governo. Ele dizia ainda que Chávez estaria “enganando os pobres”. A Casa Branca, no mesmo texto, se pronuncia a respeito do que, até então, não era noticiado como golpe pela mídia (apesar do desaparecimento do presidente):

A confluência dos acontecimentos na Venezuela e a decisão do Iraque de suspender suas exportações de petróleo (por 30 dias) não tiveram impacto nos mercados até hoje (ontem) – disse o porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer<sup>58</sup>.

A cobertura dos acontecimentos pelo *Globo* afirmava apenas que “o paradeiro de Chávez não era claro”.<sup>59</sup> As versões eram distintas no jornal: o ministro da Secretaria da Presidência, Rafael Vargas, dizia que ele continuava no palácio presidencial. O ex-presidente Carlos Andrés Pérez – que sofreu impeachment e chegou a ser preso, mas segue como fonte jornalística para assuntos políticos – garantia que Chávez fugira para Cuba. E fontes militares afirmavam também que o presidente deposto escapara do país. Chávez, como seria

esclarecido mais tarde, fora levado preso para a base militar da ilha de La Orchila, a cerca de 180 quilômetros a noroeste de Caracas, no mar do Caribe.

A censura dos meios de comunicação atribuída a Chávez e amplamente discutida no noticiário do jornal O Globo deve ser analisada em duas possibilidades, não necessariamente excludentes: o presidente que persegue a mídia e a mídia que persegue o presidente. O fato de o periódico brasileiro resistir a tratar a “crise política” como um golpe de Estado, quando não se conhecia há um dia o paradeiro do presidente, pode ser explicada pela própria dinâmica do jornalismo diário: o tempo de fechamento era curto, não havia repórteres da empresa na Venezuela e as informações vindas de lá ainda eram confusas para afirmar com segurança o teor daquela crise. Ainda assim, observa-se um certo corporativismo entre a grande imprensa venezuelana e a brasileira, na qual se inclui o veículo analisado. *O Globo* comprou e vendeu a versão dos fatos disseminada pelas cadeias de TV e jornais tradicionais venezuelanos, deixando-os intocados como possíveis agentes deste acontecimento. *O Globo* e boa parte da mídia mundial não contavam, propositalmente ou não, que a imprensa daquele país estava envolvida até a medula nos acertos para tirar Chávez do poder.

Um episódio ocorrido no dia 11, que entrou para a História como “o massacre de Puente Llaguno”, é emblemático sobre o envolvimento da imprensa. As imagens transmitidas pelas televisões privadas venezuelanas sobre os conflitos na rua não correspondiam à real situação. Os noticiários acusavam os membros dos *Círculos Bolivarianos* de estarem executando participantes de manifestações pacíficas da oposição. Os *Círculos* são organizações comunitárias, estimuladas pelo governo em todo o país, que realizam trabalhos como clube das mães, cooperativas de artesões, creches e debates políticos.

Como prova de que um massacre estaria em curso, as TVs mostravam imagens nas quais um “bolivariano” descarregava sua pistola de cima da ponte Llaguno para algum alvo abaixo, na avenida Brandt. A cena focava apenas o atirador, sem mostrar para onde este apontava o cano de sua arma. A conclusão do comentarista era a de que “pela menos cinco” manifestantes da “sociedade civil” foram assassinados por aquele homem. Não havia, no entanto, uma explicação para o resto da cena deste vídeo: não existia marcha alguma a menos de um quilômetro e meio da ponte.<sup>60</sup>

No documentário irlandês “A revolução não será televisionada”, também são exibidas as matérias televisivas que mostravam o grupo em cima da ponte e, em seguida, a cena da passeata oposicionista, a quilômetros daquele local, como se fosse alvo dos atiradores. Em cima da ponte, havia diversas pessoas reunidas e abaixadas, como se estivessem se protegendo. Entra elas, mais ou menos cinco homens atiravam para baixo da ponte. A edição

das imagens e a narração da reportagem faziam concluir que os “bolivarianos” estariam assassinando sumariamente opositores de Chávez. No jornal impresso *El Universal*, um dos mais influentes na Venezuela, o repórter Felix Carmona, em primeira pessoa, corroborava no dia seguinte a versão das televisões:

Pudemos observar um espetáculo deplorável à medida que nos dirigíamos para Miraflores: cerca de três mil pessoas, em sua maioria bêbadas, expressavam sua agressividade por meio de grosserias, festejavam em voz alta os mortos produzidos pelos Círculos Bolivarianos na avenida Baralt, vítimas dos disparos efetuados da ponte Llaguno.<sup>61</sup>

No mesmo dia, o jornal *O Globo* publicava “Mentor de Chávez culpa-o por massacre”, o que, no jargão jornalístico, é chamado de “colocar a história na boca de alguém”. Em outro texto, a autoridade de contar a história era dada ao analista político Aníbal Romero, da Universidade de Caracas, que chegou a dizer “estamos enfrentando uma situação de golpe de Chávez e de repressão violenta”<sup>62</sup>. Também se pronunciou um membro da direção nacional do partido Ação Democrática (AD), instituição que se revezou no poder com outra legenda política, o Copei, desde 1958, com o Pacto de Punto Fijo, até a eleição de Chávez, em 1998. A existência, por tanto tempo, de um acordo político aos moldes de uma República do Café-com-leite não foi mencionado no texto de *O Globo*. No dia seguinte à quartelada, a palavra “golpe” é usada quando atribuída a uma ação de Chávez – quem, cada vez mais, segundo o jornal, torna-se impopular e ilegítimo.

Do lado de Chávez, o número de seguidores diminui. Enquanto 500 mil pessoas protestavam nas ruas de Caracas, um número muito inferior se reuniu em frente ao palácio do governo para manifestar apoio.

A principal matéria do dia 12 de abril é “Rebelião e morte”, o que, dentro das tradições históricas brasileiras, pode evocar a frase de D. Pedro I que marcou a libertação do Brasil dos domínios de sua matriz colonial: “Independência ou morte”. No texto, um general da Guarda Nacional anuncia que Chávez deixara o poder na noite anterior. As informações eram pouco precisas, uma vez que o evento era demasiadamente recente. A reportagem citava tanques que se dirigiam ao palácio, mas completava que não estava claro se o objetivo era proteger ou derrubar o presidente. A ambivalência de trechos como este provavelmente foi possível com o acesso de fontes variadas: agências internacionais, jornais estrangeiros com correspondentes no país e imprensa local. A tomada explícita de posição pela mídia venezuelana aniquilava tais dúvidas, extremamente necessárias até o esclarecimento completo da situação, o que seria impossível no calor dos acontecimentos. Uma única linha dá conta da

possibilidade de ocorrência de um golpe de Estado: “Rumores de golpe tomaram conta do país”<sup>63</sup>.

A ausência crônica de Hugo Chávez como voz ativa no noticiário – apesar de seu gosto por longos discursos e aparições públicas – tem brecha neste trecho da mesma matéria:

Pouco antes, o presidente rompera o silêncio que mantinha desde a noite de terça-feira para fazer um pronunciamento em tom **desafiador** (grifo meu), em cadeia de rádio e TV, e negar que seu governo estivesse debilitado por uma greve geral que entrava em seu terceiro dia:

– Enganam-se se acham que Chávez vai cair – disse o presidente, que perdeu o apoio dos empresários.

Ele acusou a oposição de não aceitar a legitimidade do governo, de criar pânico e gerar distúrbios para levar o mundo a crer que o país está em crise. E anunciou a suspensão dos sinais da Rádio Caracas Televisión, da Globovisión e da Televen, acusando as TVs privadas de articular para desestabilizar o governo e de violar as leis de comunicação.

– Um canal de televisão não pode utilizar o sinal que o Estado lhe dá para instigar a violência contra o próprio Estado – afirmou.

O tom desafiador e o discurso resistente “ao curso natural das coisas”, a queda do presidente, relembra a alcunha com que a oposição costumava chamá-lo como paródia de “*Mi comandante*”, expressão usada por seus partidários: *Mico Mandante*. A audácia de um mandatário cego estaria aliada à sua inaptidão intelectual e política para perceber que seu tempo no poder esgotara. O pé da matéria dá conta das críticas dos opositores:

Chávez é acusado de tentar impor um regime de esquerda no estilo do comunismo de Cuba e criticado por não cumprir promessas de campanha, como reduzir a pobreza, o desemprego e a criminalidade.

Neste momento, é acionado o que foi conhecido durante o período de Guerra Fria como o alerta do “Perigo Vermelho”. Os velhos fantasmas comunistas são reciclados e incitados a participarem ativamente da discussão sobre a política venezuelana. E deixa uma lição do passado nas entrelinhas: Cuba, baluarte do comunismo na América Latina e próxima politicamente de Chávez, tampouco conseguiu acabar com a pobreza, com o desemprego e com a criminalidade.

Na editoria Economia, a crise venezuelana dispara outro tipo de alarme: o do mercado mundial de petróleo. A matéria afirma que a base popular do presidente venezuelano “se desmancha numa onda de insatisfação generalizada”<sup>64</sup>. E atribui a “pesquisas recentes” que



65% dos venezuelanos querem a saída de Chávez. Apesar de não ser foco desta pesquisa a análise de editoriais ou colunas do jornal, o texto “Mal do populismo”, publicado na Editoria Opinião, no dia 13 de abril, explicita o contexto institucional em que a cobertura foi produzida. Com a volta de Chávez ao poder conduzido por intenso apoio popular, tanto os Estados Unidos, que precocemente reconheceram o governo do empresário Pedro Carmona, como o jornal *O Globo* tiveram que rever os respectivos discursos sobre os movimentados dias de abril de 2002.

Explicações argutas e sofisticadas para o fracasso do presidente Hugo Chávez não faltarão. Mas já se pode adiantar, com segurança, que a Venezuela se livrou do pitoresco presidente porque a fórmula por ele proposta para resolver os problemas e as injustiças seculares de uma república latino-americana foi rapidamente repudiada pelas realidades do continente, depois de iludir multidões. (...) E que sua revolução bolivariana, curiosa mescla de irrealismo, folclore e boas intenções, acaba de ser relegada à lixeira da História latino-americana, como ocorreu com a similar sandinista e fatalmente acontecerá com a cubana.<sup>65</sup>

### 3.5. Do ‘mal do populismo’ ao mal-estar da imprensa

*“A César o que é do César. A frase marcou o retorno ao poder de Hugo Chávez”*

(Jornal *O Globo*, 15/ 04/ 2002)

No jornal do 13 de fevereiro, ainda se colhiam os louros da derrubada do presidente. Na área econômica, falava-se do fim da política de cotas de produção de petróleo, defendida por Chávez, o que reduziria o preço do produto no mercado mundial. A cotação do recurso caiu, do dia para noite, em 6%. Mas Ernest Brown, chefe do setor de investimentos do Santander, em Nova York, atribuía à especulação financeira: “Chávez era um fator de risco para a América Latina como um todo, por isso os bônus estão subindo”<sup>66</sup>.

No campo político, a imagem mais próxima à de Chávez no Brasil era do então candidato à Presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva. A reportagem “Ex-presidente tentou se aproximar do Brasil” atentava para as semelhanças do repertório discursivo dos dois. Sob forte efeito do marketing político de Duda Mendonça na campanha petista de 2002, e no decorrer do governo, Lula passou a ser identificado como um “Chávez adocicado”.

Mesmo sendo considerado demagógico por alguns integrantes do PT, Chávez tinha bom conceito dentro do partido. Numa viagem a países da América Latina, o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, demonstrou apreço e amizade ao então presidente venezuelano. Em 1999, depois de se encontrar com Chávez, Lula o elogiou por defender "uma ruptura democrática capaz de dar ao país instituições modernas e sólidas, a fim de enfrentar os grandes desafios sociais.

Chávez, no mesmo dia 13, foi classificado ainda como “o furacão que acabou virando brisa”, título da matéria que conferia a saída do presidente à “vontade popular”:

**E por graça e obra** (grifo e meu) das duas forças mais importantes em sua trajetória: o Exército, no qual foi moldado, fez carreira militar e chegou a tenente-coronel; e o povo, que se tomou de amores por seu "salvador" e lhe deu seguidas vitórias nas urnas durante três anos<sup>67</sup>.

O texto classificava como “a graça e a obra” de um feito coletivo, que uniu o país em torno do fim dos delírios de Chávez. Em menos de 48 horas, a vontade popular seria interpretada de outra maneira. É curioso também como “o povo” é manejado de um lado para outro, sem que se delimite exatamente que “povo” é este: empresários, industriais, camponeses, profissionais liberais dos grandes centros urbanos, acadêmicos, desempregados, habitantes dos *barrios*, venezuelanos que se beneficiaram com os programas sociais do governo, executivos da antiga *oil-garquia*. A reportagem justificava que este “povo” teria se desiludido frente à incapacidade de Chávez em lutar contra a corrupção e a pobreza – como se ele próprio tivesse inventado as duas realidades ou, se em três anos, qualquer ser humano fosse capaz de derrocar mazelas tão antigas quanto complexas. Chávez é criticado por se apresentar como um “salvador da pátria” ou um “messias”. O jornal, ao reproduzir o discurso de que o presidente falhou quando não resolveu problemas de ordem tão generalizante, acaba – ironicamente – por confirmar a “necessidade” de um salvador na Venezuela. Isto é, só mesmo um indivíduo dotado de poderes mágicos para preencher tais requisitos.

A retratação começou apenas três dias após o golpe, no dia 14 de abril. Mas ainda de forma tímida. Em entrevista exclusiva, um general fiel a Chávez afirmou que o país havia sido vítima de um “golpe dos meios de comunicação” e pediu respeito à Constituição. O furacão de Chávez que teria virado brisa, não apenas ganhou força, como se voltou aos intocados brios dos veículos de comunicação, o que obrigou o jornal *O Globo* a cortar na própria carne e tecer críticas à classe jornalística até então evitadas. Pela primeira vez, é contestado o poder do empresário Pedro Carmona, que assumiu o posto que, pela ausência do Presidente da República, deveria ser ocupado pelo vice-presidente ou pelo presidente da Assembléia Nacional. Mas a cobertura, neste momento, não era coesa. Havia sérias rachaduras sobre

como a crise venezuelana deveria ser tratada. A correspondente internacional alocada em Buenos Aires, Janaína Figueiredo, ainda recorria a jornalistas como fonte primária de informações. É pouco comparável com outras situações a repentina transformação de jornalistas em ciências políticos e sociais, estrategistas militares ou especialistas em opinião pública. O meio tornou-se a mensagem, numa séria confusão sobre as atribuições da imprensa. Pedro Carmona, que jamais angariara um voto sequer para exercer o cargo mais alto na República venezuelana, ainda era justificado na matéria de Janaína Figueiredo:

Para o jornalista Rafael Poleo, o governo de Carmona só se justifica pela incoerência do governo anterior:

– Chávez era um presidente quase demente, e diante dessa situação algo devia ser feito para evitar um vazio de poder.<sup>68</sup>

Esta matéria, que reconhecia o poder de Carmona pelos 12 meses seguintes, estava em descompasso com o texto principal deste dia: Reviravolta na Venezuela. Um dia após “a posse do novo presidente da Venezuela” – definição que reconhecia o empresário como legítimo no poder – o país mergulhou numa onda de protestos. Rebelião militar de grupos fiéis a Chávez e vigílias de chavistas em frente ao Palácio de Miraflores. Os defensores do presidente ocuparam a sede da TV estatal, que teve o sinal cortado durante o golpe, e declararam que Chávez continuava sendo o presidente eleito. Pressionado, Carmona anunciou pela rádio a sua renúncia. Antes disso, o Exército forçara o empresário a convocar novamente a Assembléia Nacional, a qual ele tinha dissolvido na véspera. Caracas amanhecera com 80% do comércio fechado. A prisão de Chávez já era considerada pelo jornal.

Nas ruas, os chavistas, que na véspera permaneceram em casa com medo da repressão policial, saíram para manifestar seu repúdio ao novo governo. Das varandas e janelas dos prédios de classe média, as panelas tentavam silenciar o ruído dos mais humildes, que decidiram defender o presidente que lhes prometera um país diferente.<sup>69</sup>

O curto fragmento acima dá conta de um universo que fora omitido até então na cobertura do jornal *O Globo* – o que representa não somente uma reviravolta na Venezuela, como na linha das matérias produzidas pelo jornal. O veículo sustentou uma tese, confirmada precocemente por um breve período de 48 horas, que ruiu. Como tratar o assunto a partir disso?

Os meios de comunicação interromperam a avalanche de informações que inundou a Venezuela após a queda de Chávez. Ontem, o canal Globovisión, um dos mais importantes do país, transmitiu as mesmas imagens de sexta-feira, evitando, ao máximo,

comentar o que estava acontecendo. Tudo isso, em meio a fortes críticas sobre as primeiras medidas adotadas pelo novo governo, considerado, por vários analistas políticos, ilegítimo.<sup>70</sup>

Na seqüência do texto, a correspondente Janaína Figueiredo reproduziu matéria do jornal *El Universal*, em que relatava a improvisação de “palestras sobre o respeito à Constituição, para que os militares chavistas entendam como funciona o processo institucional”. A matéria do *El Universal*, adaptada em *O Globo*, não só chancelava o golpe, como pressupunha que os militares revoltosos com a situação não compreendiam a Constituição. A correspondente entrevistou ainda a jurista Hildegard Rondon de Sansó que, em ordem indireta no texto, afirmou “a imposição da autoridade, durante um período de transição, não implica necessariamente uma violação de direitos fundamentais”. No dia 15, em “A Volta de Chávez”<sup>71</sup>, também destaque na editoria O Mundo, o jornal começava a delimitar quem identificava como “o povo” contrário a Chávez:

Apesar do forte rechaço ao governo, sobretudo entre os representantes das classes média e alta, o carismático presidente, líder de sua autoproclamada Revolução Bolivariana, voltou à cena com apoio de parte das Forças Armadas e de setores humildes da população.

A tendência imediata foi também isolar a culpa em Pedro Carmona – um “traidor”, segundo seus próprios parceiros no golpe, ouvidos pela reportagem do jornal. O analista Rafael Poleo defendeu que o projeto de Carmona desandou quando quis passar de “um fascismo de esquerda para um de direita”. A conspiração, de acordo com Poleo, era ainda mais mirabolante, ajustável apenas à trama de uma novela mexicana: o empresário pretendia “apropriar-se” dos recursos da PDVSA. Enquanto as justificativas para o fracasso da intentona eram especuladas de um lado, o presidente Hugo Chávez começou a render algumas considerações amigáveis, outrora improváveis: “Se tem uma coisa que caracteriza o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, é seu indiscutível carisma”.<sup>72</sup>

Em uma das matérias do dia 15 de abril, “Washington não esconde constrangimento de ter anunciado que presidente renunciara”, ficava latente o desconforto pela vitória cantada fora de hora e fora da ordem democrática. Uma nota divulgada pelo Departamento de Estado americano atribuía ao próprio Chávez o motivo de sua queda, como consequência de ações não-democráticas cometidas em seu governo. O documento afirmava ainda que o presidente teria renunciado e demitido o vice-presidente e os ministros - o que abriria espaço para a legitimidade fictícia do empresário Pedro Carmona. O jornal *O Globo* não defendeu a versão da renúncia, embora não tenha hesitado em aceitar Carmona como o novo líder venezuelano –

em meio a tanta contestação ao empresário. Um perfil do executivo fora publicado ainda no dia 13 de abril, destacando as “maneiras moderadas”, em contraste à descompostura de Chávez:

O presidente interino da Venezuela, Pedro Carmona, é um executivo de maneiras moderadas e virtualmente desconhecido até sua entrada no cenário político, no último ano, como líder da oposição ao agora ex-presidente Hugo Chávez. (...) Foi inclusive ridicularizado por Chávez que o chamou de "oligarca" e "magricela"<sup>73</sup>.

“A César o que é do César”<sup>74</sup>. A expressão foi usada para anunciar a volta do presidente Hugo Chávez e, pelo sentido do uso corriqueiro, justificá-la como legítima. Mas induz a outra percepção curiosa. No sentido original do Evangelho, segundo a Ordem de São Bento (OSB)<sup>75</sup>, a frase era uma resposta de Cristo aos fariseus. “De quem é esta figura e a inscrição?”, indagou Jesus Cristo, que, ao tomar consciência que era de César, respondeu: “Devolvei, pois, a César o que é de César”. Segundo a OSB, esta seria uma sentença sábia em contraste com a dúvida ignorante dos fariseus. O ensino bíblico recomendaria a dupla obediência: às leis humanas e às divinas. Fora da esfera religiosa, a divindade daria lugar hoje ao comportamento ético e moral, que nem sempre está estabelecido claramente nos dispositivos legais. A notícia do retorno do presidente deixa o seguinte recado: ele sobreviveu fortalecido pelo desrespeito dos seus opositores às leis constitucionais e éticas.

### 3.6. Entre o Fórum Social Mundial e a greve geral

O ano de 2003, para a Venezuela, começou sob os efeitos de uma greve geral iniciada em dezembro anterior. A estatal do petróleo, PDVSA, mais uma vez liderou o movimento, que desabasteceu o país de combustível e derivados. Desta vez, a resposta veio também de fora. Foi criado o Grupo de Amigos da Venezuela para intermediar a crise entre governo e oposição. Reunindo Estados Unidos, Brasil, México, Chile, Portugal e Espanha, a formação mostrou-se delicada desde o princípio. A oposição, porém, aceitou o diálogo com o grupo, comandado pelo secretário-geral da Organização de Estados Americanos (OEA), César Gaviria. No mesmo momento, anti-chavistas reclamavam a antecipação de eleições presidenciais. Um dispositivo da Constituição venezuelana, aprovada por referendo popular em 1999, garante que o mandato presidencial pode ser revogado no meio de sua duração por força de outro referendo. A metade do mandato de Chávez seria em 19 de agosto de 2004 e, em janeiro de 2003, a oposição exigia que o novo pleito ocorresse em 2 de fevereiro do ano

seguinte – gerando outro impasse. Os quatro principais canais privados de TV, chamados pelo presidente, em tom provocativo, de "os quatro cavaleiros do Apocalipse", apoiaram abertamente a paralisação e deixaram de veicular publicidade nos intervalos da programação para transmitir informações sobre a greve e propaganda da oposição. Frente a isso, Chávez ameaçou revogar as concessões de televisão.

O clima de negação ao governo e ameaças por parte dele é flagrante no episódio de 18 de janeiro: "Tropas invadem afiliada da Coca-Cola". As dicotomias oposição/ situação, controle estatal/ livre mercado, nacionalismo/ americanismo e regionalismo/ globalização estão presentes no título. O subtítulo explica que Chávez ameaçava "punir" as empresas que retivessem produtos durante a greve. A ação da Guarda Nacional foi classificada como uma "invasão" da indústria. No Brasil, o termo é controverso quando relacionado às atuações do Movimento dos Sem-Terra (MST). Uma opção é classificar como "ocupação" a tomada de espaço público ou de propriedade privada destinada à reforma agrária, e invasão a entrada hostil em território alheio. Obviamente, a empresa tratada é uma instituição privada, assim como a loja brasileira de luxo Daslu também era quando foi alvo, em 2005, de uma ação da Polícia Federal. A indústria venezuelana fora acusada de integrar o *lock-out* que estaria esvaziando o mercado interno de comidas e bebidas, o que configuraria um assunto emergencial de Estado. Na matéria, a única posição sobre o episódio foi do empresariado, temente ao que considerou um atentado à segurança jurídica.

No final do mesmo mês, Chávez participaria ativamente do Fórum Mundial Social, em Porto Alegre. Longe do caos que mergulhara seu país, o presidente gozava de alta popularidade entre estudantes, militantes e intelectuais presentes no encontro. Matérias no suplemento especial sobre o evento davam conta da situação:

- Chávez, recebido como herói em Porto Alegre, diz que quer ajuda do Grupo de Amigos, coordenado pelo Brasil, mas não aceitará ingerências;
- Chávez visitou a capital gaúcha ontem para saudar o Fórum Social Mundial e foi visitado pelos principais intelectuais do Fórum;
- Durante o percurso de 20 metros entre o palácio e a Assembléia, o presidente venezuelano parou para cumprimentar vários manifestantes e deu autógrafos. Seus simpatizantes gritavam: "Viva o povo venezuelano, fora o imperialismo americano". Um carro de som anunciava a adesão de várias organizações e sindicatos do Brasil e da América Latina à causa de Chávez. Antes do ato, o presidente se reuniu com os principais intelectuais do FSM, como o Nobel da Paz argentino Adolfo Perez Esquivel, a ex-primeira-dama francesa Danielle Mitterrand e o cineasta argentino Fernando Solanas;
- No final da tarde, Chávez foi saudado diante do Palácio do Piratini, sede do governo gaúcho, por cerca de oito mil pessoas, segundo o Comando da Brigada Militar<sup>76</sup>.

Em discurso para oito mil pessoas no Palácio do Paratini, em Porto Alegre, Chávez não descartou o uso de armas para acabar com a greve geral e advertiu ainda que poderia fechar as televisões ligadas à oposição. A resposta para “Quem é Hugo Chávez?” torna-se mais paradoxal ainda em um momento como o Fórum Social Mundial. Mesmo fora de seu país, o líder venezuelano é capaz de arrastar multidões de estudantes, militantes e intelectuais com um discurso moldado tanto na esperança de justiça e paz, como adaptado a ameaças de uso da força. Esta ambivalência não deve ser reduzida a um lado ou a outro, e nela reside a própria imagem pública de Hugo Chávez. Como boa parte dos homens que se expõe a levantar suas próprias bandeiras, numa posição caracterizada por poder e intrigas, Chávez está suscetível a encarnar o que há de melhor, em boas intenções, e o que há de pior, nos efeitos colaterais para efetivá-las e mantê-las. O conflito discursivo entre os textos de *O Globo* e as idéias de Chávez está também nas dicotomias impossível/ possível e pragmatismo/ romantismo. O presidente propôs, por exemplo, a substituição do projeto da Alca (Área de Livre Comércio das Américas) pela Alba (Associação Bolivariana das Américas). O Brasil, individualmente e como membro do Mercosul, faz frente à Alca nos moldes propostos pelos Estados Unidos. Chávez, em discursos apaixonados, defende que a integração do continente não pode obedecer à lógica do “supermercado, no qual o que interessa é quem vende mais a quem”<sup>77</sup>. Junto a esta observação, seguem críticas do venezuelano sobre o protecionismo agrícola praticado pelos países desenvolvidos e a ausência de projetos alternativos de integração, que levassem em conta o intercâmbio educacional, tecnológico, cultural e humanitário. Pintado como demente e lunático por opositores, Chávez não está solitário na defesa de uma alternativa para a integração – embora, na maior parte do tempo, seja visto como uma ilha de ilusões como a que vive seu amigo Fidel Castro. Apesar das reservas em relação ao venezuelano, Luís Fernando Veríssimo, em artigo também para o jornal *O Globo*, observa:

As idéias precisam de caras. Para se realizarem, para se difundirem, para encararem outras idéias. Uma idéia sem cara é uma eterna teoria, uma intenção que nunca passa disto. O diabo é que junto com a cara vem uma biografia, uma dicção, um jeito, enfim, uma pessoa - e nós todos sabemos como pessoa é complicado. A idéia matriz por trás do Hugo Chávez era uma alternativa para o pensamento único que dominou o continente depois da era dos generais. O consenso neoliberal, aquelas coisas. Ele não era para ser um protótipo de alternativa, porque a Venezuela, com sua relação especial com os Estados Unidos e a hiperimportância do petróleo na sua economia, não é muito típica do resto da América Latina. Mas os problemas são os mesmos, a insuficiência do consenso para

resolvê-los era a mesma, e Chávez acabou sendo a primeira cara da alternativa. Mas além da cara havia a idéia que o próprio Chávez fazia de si mesmo e da sua missão. E o discurso messiânico, e o dado inesquecível que sua outra participação na História do país tinha sido como militar golpista e, talvez o mais perturbador de tudo, seu hábito de terminar cada frase do discurso com uma inflexão de teatro antigo. Ou seja, não faltaram pretextos para combaterem a idéia dizendo que estavam combatendo a cara, ou o cara<sup>78</sup>.

Entre os altos do Fórum Social Mundial e os baixos da greve geral de 63 dias, Hugo Chávez passou, em 2003, por outra prova de fogo: o referendo revogatório, previsto na recente Constituição, que tornaria possível a dissolução de todos os cargos eletivos executivos. Para acontecer, o referendo deveria ser solicitado por 20% dos eleitores. Após um conturbado processo de coleta de assinaturas, a oposição firmou acordo com o governo para a sua realização em 19 de agosto de 2004, mês em que o mandato de Chávez completaria a metade do seu tempo. Reportado em *O Globo*, a oposição apresentou lista de 2,5 milhões de venezuelanos que desejavam o referendo revogatório. Os partidários de Chávez contestaram o valor das assinaturas, uma vez que não eram avalizadas por qualquer autoridade eleitoral. Segundo o enviado especial do *Le Monde Diplomatique*, Maurice Lemoine, a entidade *Súmate*, que organizou o abaixo-assinado, recebeu, em 2003, verba (no total de US\$ 53.400) destinada a um programa de educação eleitoral da *National Endowment for Democracy* (NED), entidade próxima ao Departamento de Estado americano.

No dia 24 de fevereiro (*de 2004*), quando foi anunciado o resultado, os protestos (*da oposição*) foram ainda mais longe: 1.832.493 assinaturas válidas; 143.930, fraudulentas; 233.573, recusadas por incompatibilidade com o registro eleitoral; e, principalmente, 879 mil recusadas por constarem de *planillas planas*. Por *planillas planas*, entenda-se maços de folhas – quase 90 mil, no total – apresentando uma mesma caligrafia, ou seja, preenchidas (afora uma única hipotética assinatura) pela mesma pessoa<sup>79</sup>.

### 3.7. O referendo revogatório de 2004

*“Hugo Chávez é um populista de esquerda com dinheiro para sê-lo”*

(Jornal *O Globo*, 17/ 08/ 2006: Justificativa para sua oitava vitória eleitoral)

Em janeiro de 2004, com o tema do referendo ainda em alta, Hugo Chávez e a então chefe do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Condoleezza Rice,



protagonizaram uma já tradicional troca de farpas entre representantes do governo americano e o atual presidente venezuelano. Condoleeza afirmou que Chávez não desempenhava “um papel construtivo na região” e sugeriu que ele não interferisse na consulta eleitoral que decidiria seu futuro no cargo. Sem voltas, Chávez foi a público contra a secretária de Estado, chamando-a de “analfabeta da realidade latino-americana”. Irônico, ainda disse que pediria a Fidel Castro que a enviasse um método de alfabetização cubano. O título da matéria é “Chávez: ‘Condoleeza é analfabeta’”<sup>80</sup>, colocando em destaque a descompostura do presidente e uma acusação pela metade, já que o presidente se referia – de forma grosseira – à inabilidade da americana em entender a realidade da América Latina. Por sua vez, os comentários de Condoleeza que teriam desagradado o venezuelano não ganham peso no título nem no subtítulo (“Presidente venezuelano diz que denunciará conspiração dos EUA para destituí-lo”).

Poucos meses depois, em 19 de maio, uma matéria do correspondente em Washington, José Meirelles Passos, retoma o assunto da descompostura de Chávez, divulgando que o presidente teria contratado uma “firma para melhorar a imagem nos EUA”<sup>81</sup>. A fonte, segundo a reportagem, é um documento obtido por *O Globo* com a empresa americana de lobby *Patton Boggs*. Segundo os lobistas ouvidos pelo correspondente, o objetivo final seria “remediar a falta de informações confiáveis sobre a Venezuela, por meio de um esforço agressivo e cuidadoso”. A matéria afirmava que o foco do “esforço” é o Plano Colômbia, de combate ao narcoterrorismo, “tido como programa prioritário dos EUA na América Latina”. O venezuelano é acusado de estar ligado às Farcs colombianas, sobretudo por suas críticas à presença americana na região.

A idéia é procurar convencê-los (membros do governo norte-americano) de que eles têm recebido informações equivocadas sobre a Venezuela por culpa dos meios de comunicação venezuelanos e também colombianos hostis ao governo Chávez. Os jornais "El Universal", de Caracas, e "El Espectador", de Bogotá, são mencionados como dois dos opositores. (...) Na estratégia que criou para Chávez, a empresa sugere que o próprio governo venezuelano deveria tomar certas providências. Uma delas seria aprovar uma lei antiterrorismo. (...) No memorando de 18 páginas, a Patton Boggs alerta o governo venezuelano de que "o sucesso desses nossos esforços para documentar a cooperação (no combate ao narcotráfico), refutar alegações de apoio ao terrorismo e para melhorar a cooperação com os esforços antidrogas colombianos e americanos vai depender da efetividade de nossos esforços em comunicar e ‘vender’ a mensagem”.

Uma consideração importante feita sobre Chávez no texto: ele é incapaz de “vender” sozinho sua própria mensagem e, por extensão, sua imagem para um público heterogêneo. Ao menos, a imagem que acredita de si próprio. Os discursos improvisados, a virulência no trato com inimigos políticos e a personalidade intempestiva o impedem de visualizar as

conseqüências de suas ações. Chávez também responde pela construção de sua imagem na imprensa, à medida que alimenta as críticas opositoras com uma superexposição desmedida de suas posições mais pessoais. O presidente contesta a interferência militar americana na Colômbia, uma preocupação que não é exclusivamente dele nem se faz completamente absurda em vista das políticas históricas do país para a América Latina. Contudo, seu modo de distribuir afetos positivos e negativos (função de sedução<sup>82</sup>) entra em choque direto com o que a hegemonia reconhece ou quer ver reconhecido. Neste caso, não se trata apenas do conteúdo de mensagem, mas também da forma como ela é transmitida. A expectativa de austeridade criada em torno de presidentes da República ou líderes máximos de países não se confirma na postura de Chávez. É nesta problemática que se insere a discussão sobre o populismo – ou o que se entende por ele na mídia (ver capítulo 3.4. – Breve discussão sobre populismo e neopopulismo).

Em junho, *O Globo* publicou mais uma matéria sobre a relação de Chávez e a imprensa. O texto era baseado em uma nota da Associação Mundial de Jornais (AMJ), que condenava a aprovação, pela Assembléia Geral, da Lei de Responsabilidade Social de Rádio e TV, “que pretende controlar o conteúdo informativo de veículos de imprensa”<sup>83</sup>. A explicação simplificada do jornal brasileiro sobre a função da nova lei venezuelana deixa visível sua inserção em uma posição de classe, a mesma que da AMJ. Segundo a versão da associação, admitida como verdadeira pela matéria de *O Globo*, o governo venezuelano tentava aprovar “restrições maiores à liberdade de imprensa e aumentar as punições contra jornalistas”.

A única voz presente neste texto é a da AMJ. Não foi realizado, porém, um contraponto com o papel ativo da imprensa venezuelana nos *lock-outs* e na tentativa de golpe de Estado, em 2002. A mídia permanece intocada como um poder paralelo que, ao fiscalizar o governo e a sociedade, deveria também ser fiscalizada. A trágica (e recente) experiência da censura torna sensível qualquer contestação dos limites da imprensa. A necessidade de autonomia para a prática jornalística esbarra na igual necessidade de sua fiscalização. Se o governo, em função do seu poder e seus interesses, não poderia influir na imprensa, ela mesma – pelo caráter fiscalizador – deveria antecipar as críticas necessárias. Porém, existe um corporativismo, principalmente, entre a grande imprensa – além da eliminação da competição saudável pela hegemonia dos veículos mais tradicionais. Esta discussão é filtrada no noticiário de *O Globo* – que isola o problema no alarde da censura e da suposta tirania de Estado.

Embora temas como a liberdade de imprensa fossem constantes naquele e em outros períodos do governo chavista, a grande discussão de 2004 recaía sobre o referendo revogatório que poderia tirá-lo do poder. A oposição deveria conseguir 3.831.000 votos a

favor do “sim” (um a mais do que Chávez obteve na eleição de 2000) para que o presidente renunciasse e o Conselho Nacional Eleitoral convocasse nova eleição em um prazo máximo de 30 dias. Dois anos depois, a “guerra das marchas” seria o termômetro da Venezuela no noticiário (“Marcha gigante de antichavistas”<sup>84</sup>):

Se domingo foi o dia da "maré vermelha" (como são chamadas as marchas chavistas), ontem as principais avenidas de Caracas foram cenário da "avalanche do futuro", uma gigantesca manifestação organizada pela Coordenadoria Democrática (...):

– Com o "sim" estão os perseguidos, os humilhados. Estamos com os que foram demitidos por defender sua dignidade e os que todos os dias são ameaçados e não podem expressar livremente suas opiniões. Estamos com os jornalistas que foram agredidos, mas que não se calaram – disse o governador do estado de Miranda, Enrique Mendoza, um dos principais líderes da oposição.

No dia 15 de agosto de 2006, subtítulo da matéria de *O Globo* classificou Chávez como “o mais polêmico presidente” da História venezuelana. A oposição cantava vitória e o presidente reagia com ironia, afirmando que seus inimigos se portavam como uma candidata a Miss Universo, que acreditava ter vencido o concurso apenas por ter se inscrito nele. Na mesma data, foi publicado mais um perfil jornalístico do presidente: “Do sonho de jogar bola ao poder”<sup>85</sup>. A reportagem citava os diversos adjetivos usados (segundo o texto, pelos venezuelanos) para caracterizá-lo: ditador, caudilho romântico, revolucionário, populista, messiânico. Registrava também que suas “feições lembram a origem indígena”, sua linguagem é clara e seus discursos, longos.

Ele apela para frases de efeito e muitas vezes para o humor. Chávez, de 50 anos, seduz boa parte do povo venezuelano, principalmente os eleitores das camadas mais pobres.

A matéria empreendeu uma tentativa de solucionar as ambigüidades de sua imagem pela interpretação de conjunto distinto de vozes, que não tinham exatamente a mesma opinião para a pergunta “Quem é Chávez?”: “caudilho nacionalista latino-americano que não tem fundamento ideológico profundo”, “messiânico pragmático”, “não passa de um ditador” e “ele se encaixa em qualquer definição de regime autocrático e ditatorial”<sup>86</sup>. Cinco anos após sua eleição, e há dois da tentativa de golpe, *O Globo* avançou muito pouco no entendimento sobre a figura de Hugo Chávez. O discurso permanece praticamente inalterado ao longo do tempo e descolado de outras explicações possíveis para a identificação da maioria venezuelana com a sua imagem, a ponto de tê-la legitimado em 1998, em 2000 (reeleição após a promulgação da nova Constituição) e, novamente, em 2004 (com a vitória chavista no referendo). O jornal brasileiro tende a recorrer à uma única matriz ideológica, sobretudo a de acadêmicos

venezuelanos da mesma Escola, que se repetem exaustivamente no noticiário. Existe pouco espaço também para “as camadas mais pobres”, que, segundo *O Globo*, sustentam o presidente e são seduzidas por ele. Este grupo é manejado de um lado para o outro dos discursos antagônicos, mas raramente aparece com opinião própria, de forma direta e clara. Dificilmente, o veículo será capaz de se aproximar de uma melhor representação de Chávez sem recorrer à parcela da sociedade que o desejou, elegeu e sustentou em meio a tantas crises.

No dia 17 de agosto, quando a vitória de Chávez nas urnas já estava definida, o jornalista Juan Jesús Aznárez, do jornal espanhol *El País*, explicava o fenômeno Chávez pela perspectiva dos “moradores do interior”:

O lema do golpe de 1992 - lançado contra "o selvagem neoliberalismo de Pérez" e "a corrupção das oligarquias" - ainda é explosivo no país. "Pode ser populista ou o que for, mas pela primeira vez o dinheiro do petróleo vai para nossos bolsos", dizem moradores do interior<sup>87</sup>.

O texto “Paternalismo e catequese numa só cartilha” ironizava ainda o “generoso paternalismo do Estado com os compatriotas pobres” e justificava a oitava vitória eleitoral de Chávez como consequência dos “multimilionários fundos do petróleo investidos em programas sociais”. Aznárez afirmava que o venezuelano teria feito carreira como “político, conspirador e catequista bolivariano nas fileiras militares”. As alusões religiosas nos discursos de Chávez também foram mencionadas, em contradição ao seu militarismo: “Em 1992, o tenente-coronel da Bíblia e do crucifixo passou à ação: liderou um fracassado golpe contra o governo de Carlos Andrés Pérez”.

## 6.9. *O Globo* e Hugo Chávez na arena dos conflitos

*“Chávez é recebido como herói em Porto Alegre”*

(Jornal *O Globo*, 15/ 01/ 2005: Sobre o Fórum Social Mundial)

Na quinta edição do Fórum Social Mundial (FSM), em janeiro de 2005, em Porto Alegre, Hugo Chávez manteve a popularidade no evento. Matéria publicada em *O Globo* destacava que pelo menos 12 mil pessoas lotaram o ginásio onde o venezuelano discursou e outras 10 mil ficaram do lado de fora. O presidente foi ovacionado, enquanto Lula e ministros brasileiros eram vaiados. Chávez, porém, saiu em defesa do líder brasileiro, chamando-o de

“irmão” e destacando seu papel na união latino-americana. Chávez encontra no Fórum um terreno receptivo, onde sua imagem – aparentemente – não é contestada. Livre de avaliações depreciativas, a figura do venezuelano é colocada em outro extremo, no da adoração e da mitificação. Para os participantes do evento, o slogan “Outro mundo é possível” se personifica em Chávez. O discurso chavista de ruptura e de mudança seduz pelo romantismo e até pelo “radicalismo”. Apesar da maturidade etária, Chávez conserva uma retórica identificada por muitos como juvenil. Uma das possíveis explicações para sua popularidade no FSM.

Para o FSM, Chávez disse que a força mais negativa do mundo se chama Estados Unidos e deixou o recado radical:

- Não podemos passar os anos debatendo. Tem que ter a dialética de debate e ação<sup>88</sup>.

Na reportagem do dia seguinte, “Chávez planeja TV regional, a CNN bolivariana”<sup>89</sup>, o “polêmico presidente” – em vista da ação dita necessária – propôs o rompimento das grandes redes mundiais de televisão por meio de um canal estatal e regional. A idéia lançava o embrião da *Telesur*, que atualmente funciona com correspondentes fixos em Bogotá, Brasília, Buenos Aires, Caracas, Cidade do México, Havana, Porto Príncipe, La Paz e Washington. De acordo com o site ([www.telesurtv.net](http://www.telesurtv.net)), a programação via satélite está disponível em todo o continente americano, na Europa ocidental e no Norte da África. No resto do planeta, o canal pode ser acessado pela internet. No texto sobre a possibilidade da criação de um canal alternativo, *O Globo* aborda a hostilidade entre o presidente e os meios de comunicação do seu país. A suspeita levantada pelo jornal brasileiro é de que o venezuelano tente driblar a oposição midiática com uma imprensa oficial, domesticada de acordo com seus valores e crenças.

Chávez considera os meios de comunicação de seu país inimigos de seu governo e acusou donos de canais de TV privados de terem participado do golpe de Estado de abril de 2002. Ano passado, por iniciativa do presidente, a Assembléia Nacional aprovou a Lei de Responsabilidade Social para Rádio e TV, considerada um atentado à liberdade de imprensa por organizações como a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), a Comissão Interamericana de Direitos Humanos e a Human Rights Watch, de Nova York<sup>90</sup>.

A questão do militarismo (uma outra face da “tirania” e “truculência” estatal) volta à tona com a notícia sobre um novo produto fabricado pela Companhia Anônima Venezuelana de Indústrias Militares, o revólver nomeado com o sugestivo nome de “Rápida Resposta Revolucionária”<sup>91</sup>. Já havia se acirrado no noticiário os alarmes contra esta faceta de Chávez, que usa freqüentemente metáforas bélicas em seu discurso. Em especial, a suposta ameaça americana contra a Venezuela – alardeada pelo presidente - recebe destaque na cobertura do

jornal em 2005. Chávez é acusado de formar milícias civis e inventar um inimigo externo para contornar os rachas na sociedade venezuelana. A eminência de um conflito bélico é tratada como um devaneio megalomaniáco do presidente, mas pouco se analisa até que ponto ele acredita nisso ou faz que acredita. Outra dúvida quanto a sua imagem: dissimulado ou lunático? Entre o choque com a imprensa local e os alardes externos sobre a militarização, o venezuelano, pela primeira vez, entra em choque direto com o jornal analisado neste trabalho: “Chávez acusa O GLOBO de ser ‘lacaio do imperialismo’”<sup>92</sup>.

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, criticou duramente ontem o GLOBO, acusando o jornal de ser "lacaio do imperialismo americano". Ele atacou editorial publicado na última quarta-feira, com o título "Chávez fracassa", que mostra o avanço da pobreza no país vizinho.

– O GLOBO atua como lacaio do imperialismo americano aqui no coração da América do Sul. Se presta ao jogo. Publica um editorial que diz que Chávez fracassou – disse ele (Hugo Chávez) em coletiva na embaixada da Venezuela, afirmando que o texto manipula dados e números.

No mesmo texto, o jornal argumenta que o editorial usou dados de organismos como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). O jornalismo saiu da invisibilidade do “meio” para se transformar a mensagem, a fonte, o agente ativo e o passivo. E surge então o embate entre o veículo que informa a população sobre Chávez e a figura representada nele. Os dois objetos de análise desta pesquisa se colocam publicamente em lados opostos do ringue. Pela linha editorial de repúdio ao venezuelano, Chávez alega ser prejudicado por uma suposta manipulação de números em determinada reportagem. *O Globo* não hesita em tornar pública a controvérsia, usando seu próprio espaço para justificar a origem externa dos dados. De acordo com a teoria foucaultiana, o jornal se expõe como agente ativo no evento discurso para, ao mesmo tempo, mascarar parte do poder que exerce – ao seguir uma linha editorial quanto ao presidente venezuelano, e não outra.

Torna-se flagrante também a idéia de um complexo de perseguição por parte do presidente. Em 14 de outubro de 2005, *O Globo* publicou matéria sobre a expulsão de missionários evangélicos americanos do país<sup>93</sup>. A justificativa de Chávez era de que o grupo, entre outras coisas, espionava para a Agência Central de Inteligência (CIA, dos EUA).

#### 4. Informação, entretenimento e o teatro de promoções

*“Entertainment is an indulgence, while information is the currency of responsible civil action and the basic building block of politics”*

(A political economy of cultural performance, James R. Compton)

O crítico cultural Neal Gabler usa o termo “*lifies*” – uma fusão entre *life* e *movie* – para observar a crescente dependência entre a mídia tradicional e a vida dos seus retratados. O autor cita como fator o uso deliberado de técnicas teatrais na política, na guerra, na educação etc. Os “filmes-vidas”, termo usado por Gabler, têm foco na audiência, precisando, cada vez mais, entretê-la: “O entretenimento invadiu organismos que até havia pouco ninguém imaginava fossem capazes de fornecer divertimento”<sup>94</sup>. As seções em jornal tomadas como “sérias”, fora dos suplementos habituais de lazer e diversão, absorveram uma “cultura carnavalesca” ou “cultura do lixo”, em que parte do conteúdo é embrutecido, vulgarizado e banalizado. O espalhafatoso e o espúrio têm maiores chances de obter destaque e de prender a atenção do leitor. A etimologia da palavra “entretenimento” é latina, e vem de *inter* (entre) e *tenere* (ter). Entre as diversas acepções, destacam-se as de sentido mais corriqueiro: “forma de ocupar o tempo”, “aquilo que diverte com distração ou recreação” e “um espetáculo público ou mostra destinada a interessar ou divertir”. Ligado ao jornalismo, o termo passa a idéia também de que há algo entre a informação bruta e o seu recebimento pelo leitor. A mensagem é imbuída de afetos positivos e negativos – um adorno por definição patético.

Os chamados argumentos éticos e patéticos, que se destinam a capturar a aprovação do público pelo lado emocional, criando imagens simpáticas e empáticas do orador e de seu público, respectivamente, no interior dos textos, são hoje chamados pelos analistas de *efeitos de sentido*<sup>95</sup>.

Até mesmo entre conservadores e radicais do jornalismo de espetáculo, porém, existe o consenso sobre a distinção entre informação e entretenimento. Bob Franklin<sup>96</sup> preocupou-se com o uso do entretenimento na camuflagem de agendas do governo e das relações internacionais. O entretenimento superalimenta o fornecimento de informações, o interesse humano suplanta o interesse público, a prudência do julgamento é sucumbida pelo sensacionalismo, o trivial ganha peso e as relações pessoais se tornam novelas. Franklin chega a afirmar que o “*infotainment*” (mistura de informação e entretenimento) está fora do

controle. Para ele, o entretenimento está associado à distração e voltado à uma platéia passiva. Seria, no caso do jornalismo impresso tratado neste trabalho, o leitor distraído ou ocasional de uma determinada seção noticiosa. A informação, por contraste, estaria ligada aos fatos e à análise engajada. A reportagem informativa se propõe a informar quem busca subsídios para seu pensamento sobre determinado assunto. Já a matéria divertida, exótica ou apenas curiosa tende a cooptar no ar um leitor pouco direcionado a ela. O entretenimento ainda alivia a pressão de assuntos “pesados” como saúde pública, educação e pobreza. Como efeito colateral, James R. Compton aborda um estudo norte-americano que revelava que 75% dos entrevistados eram capazes de identificar o papel de Linda Tripp no escândalo “Monicagate”. Porém, apenas 13% sabiam que o ex-presidente Bill Clinton, envolvido em um escândalo sexual com uma estagiária da Casa Branca, havia assinado a conta do fundo republicano para a reforma social. Compton critica a tomada da esfera pública pelo teatro de promoções em que cada autoridade se exhibe para uma platéia passiva.

Nos embates entre Hugo Chávez e seus opositores, em destaque no último capítulo, tal pensamento se concretiza na polarização de papéis interpretados com exagero. O intercâmbio livre e racional de discursos, idealizado pelo autor, se perde. Ele alerta também para o perigo na confusão entre notícia e entretenimento por parte do leitor. É o limite tênue que separa as características estritamente pessoais de Hugo Chávez às suas funções como presidente da República. O personalismo do venezuelano contribui para a sobreposição de imagens baseadas no humor e na excentricidade, mas também nas questões de Estado e diplomáticas. Ainda assim, jornalistas devem trabalhar de forma a desfazer esta sobreposição, não agravá-la, em assuntos mais delicados e complexos.

Publicada em 7 de janeiro de 2003, na editoria *O Mundo*, a matéria “Presidente cai no conto do falso Fidel” representa bem as idéias do jornalismo de entretenimento e do “*infotainment*”. O texto, baseado em informações do site do jornal americano *Miami Herald*, faz graça com a amizade entre Hugo Chávez e Fidel Castro, caçoando da “empolgação” do venezuelano em relação ao cubano. O fato noticioso era um trote recebido por Chávez e aplicado pela rádio anticastrista “*El Zol*”, nos Estados Unidos. Segundo a reportagem, no programa “O espertalhão da manhã”, os locutores Enrique Santos e Joe Ferrero, conseguiram contato telefônico com o presidente venezuelano fazendo-se passar por Fidel. Enquanto uma funcionária da rádio ligava para o Palácio de Miraflores, com truques radiofônicos, a voz de



Fidel podia ser ouvida ao fundo. O diálogo entre Chávez e o suposto Fidel foi reproduzido no texto:

O assistente de Chávez afirmou que o presidente ligaria para Fidel. Mas a falsa operadora disse que o líder cubano estava em local secreto. O tenente, então, deu o número privado de Chávez.

– Olá, Fidel! – saudou Chávez.

– Recebeu minha carta? – perguntou "Fidel".

– Claro que recebi. Falei com Germán – respondeu Chávez.

– Estou pronto para falar com vocês – afirmou Fidel.

Neste momento, os locutores da rádio simularam problemas na ligação para dissimular as palavras sem sentido do líder cubano.

– Sim, irmão. Como vai? – perguntou Chávez.

– Farei o que você me pedir que faça – disse Fidel.

– Não entendo – respondeu Chávez, surpreso.

– Mas te confesso que irão me prejudicar. Tudo está pronto para terça-feira – disse Fidel.

– Tudo está pronto para terça-feira? Não entendo – disse, confuso, Chávez.

Santos, então, anunciou que a ligação partia de Miami. O locutor encerrou a brincadeira de maneira mal-educada, insultando Chávez:

– Terrorista, animal, assassino! Você está exterminando o povo da Venezuela! – disse Santos, que também se dirigiu a Chávez com palavrões.

O dono da emissora, Raúl Alarcón Jr., disse não ter gostado da brincadeira e suspendeu os locutores por três dias - sem corte nos vencimentos<sup>97</sup>.

O fato noticioso da matéria, um trote aplicado por uma rádio de Miami, visa, primeiramente, à diversão do leitor. O trote, uma brincadeira universal, tem maior facilidade para atrair público do que os eventos da política interna venezuelana – em janeiro de 2003, por exemplo, o país atravessava uma greve geral. O texto também vulnerabiliza a figura de Chávez como presidente. Ele se torna mais palpável, mas também caricatural. A aura do líder, como um ser intocado, existente apenas dentro da esfera política, dá lugar a um personagem de filme tipo pastelão. Embora exista na periferia das idéias do texto, a relação diplomática entre dois presidentes – um fato de interesse jornalístico – não é o foco da matéria. O objetivo é mostrar as trapalhadas de Hugo Chávez em Miraflores, um bastidor que pode ser

especulado, mas dificilmente comprovado. Este intuito aponta para duas finalidades que mesclam entretenimento e discurso. A primeira, mais visível, é alimentar a curiosidade sobre o “lado humano” da celebridade, tal como acontece nos tablóides do gênero. A segunda pode ser apreendida pelo próprio contexto institucional (do qual já tratei em capítulo anterior). Na concepção dos editoriais do jornal e da maioria dos entrevistados sobre o tema, Chávez é um político grosseiro, arcaico e intelectualmente desprivilegiado. Sua confusão ao receber o trote pode parecer falta de perspicácia e de desenvoltura para antecipar uma situação como esta. Ao se misturem, entretenimento e informação, neste caso, permitem que juízos de valor sobre o presidente sejam feitos a partir de dados meramente humorísticos, sem qualquer consequência real para a política, a economia ou a diplomacia. Ao mesmo tempo, para o público do jornal, é reforçada a idéia de “demência” do venezuelano, como acusa a oposição (“Oposição pede saída de Chávez por demência”, do dia 1º de fevereiro de 2002):

Agitando uma faixa em que se lia "Fora com o louco", o principal partido de oposição da Venezuela, Ação Democrática, pediu ontem à Suprema Corte que destitua o presidente Hugo Chávez por incapacidade mental, considerando-o mentiroso, extremamente agressivo e um megalomaníaco autoritário.

Acompanhado de palhaços e de um homem representando Chávez, metido numa camisa-de-força, o secretário-geral do partido, Rafael Marin, apresentou o pedido baseado em relatórios de psiquiatras.

– O estudo inclui análises comparativas da personalidade do presidente e de outras figuras históricas com condutas semelhantes, como Idi Amin, Adolf Hitler, Benito Mussolini e Fidel Castro – disse Marin.

Ele reconheceu que os médicos que assinaram o relatório não entrevistaram Chávez.

– Infelizmente, é muito difícil pôr o presidente numa camisa-de-força e interná-lo numa clínica para exames, embora isso fosse o ideal – disse.

Chávez já revelou planos de transformar o palácio presidencial em uma universidade para os pobres, ameaçou lançar opositores ao espaço num foguete, e expulsar do país estrangeiros que insultassem seu governo.

A Constituição da Venezuela, aprovada em 1999 por sua iniciativa, permite o afastamento de presidentes com problemas mentais, mas o pedido de Marin não deve ser aceito, já que dependeria de aprovação da Suprema Corte e da Assembléia Nacional, ambas controladas por Chávez.

A troca de acusações entre Chávez e a oposição obedece à cultura do grotesco e transforma a imprensa em uma arena de circo. Este texto, como o anterior, não traz dados ou fatos que contribuam para o pensamento crítico da situação venezuelana. Porém, busca a divertir pela sugestão da anomalia psicológica, tão presente na cultura do grotesco. O conflito

se assemelha a intrigas de vizinhos, é baseado em denúncias da boca para fora e pouco deve intervir em assuntos públicos relevantes. No pé da matéria, porém, existe uma justificativa curiosa para a impossibilidade de afastamento do presidente por problemas mentais: ele controla a Suprema Corte e a Assembléia Nacional, instituições responsáveis por afastá-lo do poder. Mesmo “anômalo”, Chávez se mantém no cargo pela força da sua tirania, não porque o pretexto da oposição soa absurdo.

O teatro de promoções ou o palco de circo é bastante presente nos textos que envolvem Hugo Chávez em *O Globo*. Outro exemplo é “Chávez chama Bush de louco e genocida”, publicado no dia 19 de novembro de 2005:

Em mais um de seus rompantes verbais, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, voltou as baterias contra seu tradicional adversário e chamou seu colega americano, George W. Bush, de "assassino, genocida e louco". Ao mesmo tempo, o presidente do México, Vicente Fox, voltou a exigir um pedido de desculpas de Chávez, que recentemente o chamou de "filhote do império"<sup>98</sup>.

Obviamente, a intempestividade e a intolerância de um presidente são informações de interesse público, uma vez que tais características envolvem a capacidade de um líder em garantir a paz, em firmar acordos entre países e em conquistar apoios para governar. É necessário que o leitor tenha conhecimentos sobre os representantes políticos. Porém, quando jornalismo declaratório é colocado à frente do investigativo, corre-se o risco de que os habituais jogos de cena de figuras públicas consigam encobrir questões mais relevantes por trás. Cabe ao bom jornalismo ir além da superfície dos diálogos promocionais, das coletivas de imprensa e das trocas de acusação. As relações diplomáticas entre México e Venezuela, por exemplo, não se restringem aos personagens de Chávez e Fox. Ao mesmo tempo em que critica o personalismo, o jornal *O Globo* acaba por reforçá-lo quando privilegia o temperamento dos líderes no lugar da relação dos Estados.

Sobre uma viagem oficial de Chávez ao Uruguai, em 2005, o título de *O Globo* era “Chávez ganha égua e testa popularidade”<sup>99</sup>. A presença de Chávez no país era motivada pela 29ª Cúpula do Mercosul. Ao lado do presidente uruguaio Tabaré Vázquez, o venezuelano visitou alguns povoados nos arredores de Montevideu e uma fazenda, onde ganhou a égua. O equino só aparecia no último parágrafo do texto e não tinha relação alguma com os propósitos da visita de Chávez ao Uruguai. A referência na égua no título estimula apenas a galhofa.

Em 2003, ano seguinte à tentativa de golpe de Estado contra Chávez, a matéria “Beleza frustrada” relatava que, pela primeira vez em 44 anos, a Miss Venezuela não participará do concurso de Miss Universo, por motivos econômicos.

A organização do concurso nacional informou ontem, "com profundo pesar", que a Miss Venezuela 2003, Mariángel Ruiz, não participará da disputa internacional, dia 3 de junho, no Panamá. Ela precisaria de US\$ 80 mil, mas o país está impedido de comprar dólares por uma medida de controle de câmbio do governo Hugo Chávez<sup>100</sup>.

O concurso de Miss Universo, que se entende por entretenimento no jornalismo, acaba por ser relacionado também à figura de Hugo Chávez – “um sabotador da beleza venezuelana”. Dependendo do senso de humor de cada leitor, a matéria pode divertir pela comparação exagerada entre o governo chavista e a ameaça à tradição da Miss Venezuela. Dentro do universo de leitores de *O Globo*, o concurso de Miss Universo, atualmente, pertence à cultura do lixo, é cafona e fora de moda. Levado à risca, o discurso de “sabotador da beleza” menospreza a inteligência do público do jornal. Mas aliado ao universo de sentidos deste público, é capaz de proporcionar diversão.

## Conclusão

Entre 2002 e 2006, o jornal *O Globo* pouco avançou quanto às percepções da imagem do presidente venezuelano Hugo Chávez. Os mesmos argumentos se alternaram praticamente intactos durante o período. Mesmo considerando sua trajetória política recente e as contradições latentes em sua figura, fatores de confusão imediata, o venezuelano continua a ser tratado como uma caricatura, a despeito do espaço que vem assumindo no continente. Seja para opositores ou seguidores, é inegável que a Venezuela deu alguns passos no sentido da integração regional, sobretudo com sua transformação em membro-pleno do Mercosul, na primeira metade de 2006. Por enquanto, Chávez é um fato que não pode ser contornado, por golpes de Estado ou por negligência da imprensa. Para lidar com tantas incógnitas, e visualizar com mais clareza como influem no futuro próximo da Venezuela e da América Latina, é necessário descobrir o que existe em sua figura capaz de seduzir tantos venezuelanos – e estudantes, militantes e intelectuais estrangeiros. O enquadramento automático de Chávez em classificações como populista e caudilho pouco acrescenta na construção de sua imagem. Na pressa por esclarecer polêmicas ao leitor, acaba-se por ignorar discussões mais férteis, que envolvem questões como a sociedade civil organizada, a cultura política latino-americana, o desgaste das instituições tradicionais e até mesmo a psicologia social de um país marcado pela beleza de Miss Universo e pela riqueza volátil dos lucros do petróleo.

O uso do estereótipo como um modo necessário de processamento de informação, sobretudo em grupos altamente diferenciados, é feito de maneira a criar uma sensação de ordem no pensamento coletivo. Uma das acepções da palavra “estereótipo”, de índole política, remete às construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social. A disseminação nos meios de comunicação de representações seletivas, parciais e instrumentais do Outro – representado por grupos, situações ou indivíduos isolados – deve ser vista com um obstáculo ao processo democrático. À medida que os estereótipos ofertam uma organização fácil do mundo, criam categorias gerais de pessoas (“o populista”, “o tirano”, “o herói”, “o caudilho”, “o golpista”, “o revolucionário”) com base em julgamentos e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, visão de mundo e história<sup>101</sup>. Boa parte das pressuposições sobre Chávez, na cobertura do jornal *O Globo*, foi obtida a partir de seus traços de personalidade, vestuário militar e linguagem verbal e corporal.

Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e eles. Tonificam a auto-estima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expelem, remetem ao exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa<sup>102</sup>.

Dentro da lógica da criação de padrões e anomalias em cada comunidade, o universo do jornal *O Globo*, que inclui leitores e consumidores de notícias, terminou por estruturar seu entendimento sobre o que é aceitável ou aberrante em termos da política latino-americana. A origem mestiça, o passado interiorano e pobre, a carreira militar, o domínio apenas da língua espanhola, o perfil popular e impulsivo, a amizade com Fidel Castro, os discursos com inspiração teatral e a preferência clara por uma política voltada aos mais pobres constituem características que não se encaixam nas expectativas políticas oficiais do periódico. Nesta comunidade imaginária, tais variáveis – que em outros contextos podem até mesmo enaltecer a imagem do venezuelano – são interpretadas com estranheza, desconfiança ou indiferença. Chávez encarna, como defendeu um editorial de 2002, “o mal do populismo”. Este trabalho buscou analisar como o presidente de um país até então insignificante na imprensa brasileira passou a ser encarado como uma ameaça aos valores e aos interesses gerais – de início, dos venezuelanos; logo depois, da América Latina, dos Estados Unidos e, com a formação de um “Eixo do Mal” com o Oriente Médio, quiçá de todo o planeta. João Freire Filho<sup>103</sup> observa que o objeto de “pânico moral” pode ser recente ou existir há bastante tempo. Desencadeado por algum evento nem sempre claro, passa a receber os holofotes da mídia, tornando-se o centro de todas as preocupações públicas. Quando a repercussão se torna séria e duradoura, podem ser observadas mudanças até na concepção da sociedade sobre si mesma. Ou ainda reafirmações de identidades a partir da “organização das informações” sobre dado assunto que estivera por algum tempo adormecido na arena pública.

A chamada sociologia do pânico moral se desenvolveu a partir da já então bem estabelecida teoria do rótulo, perspectiva analítica que considera o desvio uma construção social e não uma qualidade intrínseca de atos ou atores sociais específicos<sup>104</sup>.

Howard Becker<sup>105</sup> enfatizou ainda o papel dos agentes de controle social – “os empreendedores morais” – na fabricação do comportamento desviante. Em outro sentido, há que se notar também a fabricação do comportamento de Chávez como um dado natural para significativa parcela da população venezuelana, que o elegeu em três oportunidades distintas. O político não foi formado como figura pública e alçado ao posto que ocupa de maneira independente e exclusivamente pessoal. Ele representa um conjunto de reivindicações que não

é claro em sua totalidade, pois não se traduz apenas em medidas políticas ou programas sociais. Existe uma pressão que se alastra pelo continente por uma nova perspectiva da relação entre governo e sociedade civil, a partir da reconfiguração dos seus limites e da reformulação de suas identidades. A representatividade política na democracia latino-americana, talvez, estender-se-ia além da aceitação das propostas estritamente partidárias e ganharia o terreno do indivíduo comum, contemplando a vontade da maioria marginalizada de se enxergar por meio de trajes, modos de falar, feições e hábitos dos líderes eleitos. A crescente onda de governos populares no continente deve sinalizar para novas concepções em plena disseminação nas sociedades. Longe do discurso do “pânico”, trabalhos futuros podem investigar esta tendência, partindo não apenas de contextos históricos específicos, mas de uma possível crise nas referências de representação política na América Latina – buscando, cada vez mais, uma cultura política própria.

A Venezuela de Chávez é ainda uma experiência em curso, que deve ser tratada com cautela e avaliada em que medida representa inovações ou apenas reproduções de tentativas já fracassadas. Como um dos principais laboratórios do neoliberalismo na década de 90, foi na América Latina também onde surgiram as primeiras respostas, com governos populares de contestação e com a própria pressão dos cidadãos. Na Venezuela, a maioria do país – e não apenas Chávez – ousou extremar a resposta ao modelo vigente. Lembrando as palavras do cronista Luís Fernando Veríssimo, citadas anteriormente neste trabalho, vale refletir sobre a cara que personifica as idéias e buscar saber até que ponto se combate a idéia, como se fosse a cara.

As ambivalências na caracterização de Hugo Chávez devem ser mantidas a favor do enriquecimento do debate político que o envolve. A intertextualidade, como fonte de boa parte das ambivalências dos textos, se constitui não apenas de textos distintos, como também de formações discursivas gravemente diferentes entre si. O jornal *O Globo* permite a manifestação dos ditos especialistas, geralmente ligados à carreira acadêmica, e de vários tipos de opositores a Chávez. Mas suas vozes se combinam em coro, reproduzindo a mesma matriz ideológica ao longo dos anos. Para melhorar a cobertura, e não descolá-la completamente dos anseios da maioria dos venezuelanos, é preciso consultar outras correntes do pensamento, mesmo que isso aprofunde contradições no lugar de saná-las de maneira simplista.

Por fim, o material das agências internacionais e dos jornais estrangeiros de tradição deveria ser utilizado com restrições. Mesmo sob risco da publicação de uma informação aberrante, natural apenas em outro universo de recepção, a lógica do “telefone sem fio” acaba se consagrando por questões financeiras, que impedem o deslocamento contínuo de correspondentes para lugares fora do país. Porém, sendo o Brasil uma parte da América Latina, a imprensa nacional poderia se empenhar em reduzir os distanciamentos imaginários, preferindo informações diretas por telefone às que percorrem longos trajetos para fora e, logo depois, de volta ao local de onde saíram.



## Referências

A Revolução não será televisionada (The Revolution will not be televised, Irlanda, 2002). Dir.: Kim Bartley e Donnacha O'Brian. 75 min.

BLANCO, Roberto Mansilla. ¿Democracia ou populismo autocrático? Crise e mobilización social na Venezuela de Chávez. *Tempo Exterior*, n° 6. Pontevedra: Instituto Galego de Análise e Documentación Internacional, 2003.

CARMONA, Felix. *El ocaso de los Círculos*. Caracas: El Universal, 12/ 04/ 2002.

COMPTON, James Robert. *The integrated news spectacle: a political economy of cultural performance*. New York: Peter Lang Publishing, 2004.

CONNIFF, Michael. Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después. *Revista de Ciencia Política*, vol. 23, n° 1. San José: Universidad Estatal de San José, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. *ECO-PÓS*, vol. 7, n° 2, p. 45-67, 2004.

GABLER, Neal. *Vida, o filme: Como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HARI, Johann. *Venezuela: revolutionaries and a country on the edge*. Londres: The Independent, 25/ 08/ 2005.

HARNECKER, Marta. *Hugo Chávez Frías, un hombre, un pueblo* (entrevista). Habana: Mepla, 2002.

IANNI, Octavio. *Formação do Estado Populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.

LEMOINE, Maurice. *Progressos bolivarianos*. Tradução: Jô Amado. Paris: Le Monde Diplomatique, 01/ 04/ 2002.

\_\_\_\_\_. *A "sociedade civil" contra o povo*. Tradução: Jô Amado. Paris: Le Monde Diplomatique, 01/ 04/ 2002.

\_\_\_\_\_. *A guerra do plebiscito*. Tradução: Jô Amado. Paris: Le Monde Diplomatique, 01/ 04/ 2004.

MARINGONI, Gilberto. *A Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAINTER, James. *América do Sul pende para a esquerda sem reviravoltas*. Brasil: BBC Brasil, 03/ 11/ 2004.

PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

---

<sup>1</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

<sup>2</sup> Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

<sup>3</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>4</sup> Pêcheux, Michel. Apud Fairclough, Norman.

<sup>5</sup> Compton, James R. *A political economy of cultural performance*. Peter Lang Publishing. New York, 2004.

<sup>6</sup> Chávez é deposto do casamento. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 03/ 06/ 2002.

<sup>7</sup> Gabler, Neal. *Vida, o filme: Como o entretenimento conquistou a realidade*. Tradução de Beth Vieira. Página 13. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.

<sup>8</sup> Franklin, Bob. Apud Compton, James R. *A political economy of cultural performance*. Peter Lang Publishing. New York, 2004.

<sup>9</sup> Halliday (1978). Apud Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social* (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>10</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 45. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>11</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

<sup>12</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 50. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>13</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 68. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>14</sup> Michel Foucault. Apud Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 71. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>15</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 74. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>16</sup> Apud Michel Foucault em Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 76. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>17</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 81. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>18</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

<sup>19</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. Página 30. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

<sup>20</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 137. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>21</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 135. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>22</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 143. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>23</sup> Bartley, Kim e O'Brian, Donnacha. *The Revolution will not be televised (A Revolução não será televisionada)*. Irlanda, 2002. Transmitido no Brasil pela TV Câmara.

<sup>24</sup> Fairclough, Norman. *Discurso e mudança social*, página 112. (Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001).

<sup>25</sup> Lemoine, Maurice. *A guerra do plebiscito*. *Le Monde Diplomatique*. (Edição brasileira. Ano 5. Número 51).

<sup>26</sup> Lemoine, Maurice. *A guerra do plebiscito*. *Le Monde Diplomatique*. (Edição brasileira. Ano 5. Número 51).

<sup>27</sup> Entrevista a Marta Harnecker. "Hugo Chávez Frías, un hombre, un pueblo". Caracas, Imprensa Nacional, 2003. Página 192.

<sup>28</sup> Conniff, Michael. *Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después*. Universidad Estatal de San José. *Revista de Ciencia Política*. Vol. 23, n° 1. 2003.

- 
- <sup>29</sup> Painter, James. América do Sul pende para a esquerda sem reviravoltas. Site da BBC Brasil. 03/ 11/ 2004.
- <sup>30</sup> Painter, James. América do Sul pende para a esquerda sem reviravoltas. Site da BBC Brasil. 03/ 11/ 2004.
- <sup>31</sup> Blanco, Roberto Mansilla. ¿Democracia ou populismo autocrático? Crise e mobilización social na Venezuela de Chávez. Janeiro-Junho/ 2003.
- <sup>32</sup> Conniff, Michael. Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después. Universidad Estatal de San José. Revista de Ciencia Política. Volumen XXIII. N° 1. 2003.
- <sup>33</sup> Blanco, Roberto Mansilla. ¿Democracia ou populismo autocrático? Crise e mobilización social na Venezuela de Chávez. Janeiro-Junho/ 2003.
- <sup>34</sup> América Latina e suas crises. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 29/ 04/ 2005.
- <sup>35</sup> Conniff, Michael. Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después. Universidad Estatal de San José. Revista de Ciencia Política. Volumen XXIII. N° 1. 2003.
- <sup>36</sup> Ianni, Octavio. Formação do Estado Populista na América Latina, 1993. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1989.
- <sup>37</sup> Conniff, Michael. Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después. Universidad Estatal de San José. Revista de Ciencia Política. Volumen XXIII. N° 1. 2003.
- <sup>38</sup> Conniff, Michael. Neo-populismo en América Latina. La década de los 90 y después. Universidad Estatal de San José. Revista de Ciencia Política. Volumen XXIII. N° 1. 2003.
- <sup>39</sup> Lemoine, Maurice. A guerra do plebiscito. Le Monde Diplomatique. (Edição brasileira. Ano 5. Número 51).
- <sup>40</sup> Bartley, Kim e O'Brian, Donnacha. The Revolution will not be televised (A Revolução não será televisionada). Irlanda, 2002. Transmitido no Brasil pela TV Câmara.
- <sup>41</sup> Hari, Johann. "Venezuela: revolutionaries and a country on the edge". The Independent. 25 August 2005.
- <sup>42</sup> Lecumberri, Beatriz. "Venezuela vai se declarar livre do analfabetismo em 28 de outubro". Paris, 6 de outubro de 2005.
- <sup>43</sup> Venezuela poderá mudar o câmbio. Jornal *O Globo*. Editoria Economia. 17/ 01/ 2002.
- <sup>44</sup> Vizinhos esquecidos. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 20/ 01/ 2002.
- <sup>45</sup> Passeatas contra e pró-Chávez dividem Caracas. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 24/ 01/ 2002.
- <sup>46</sup> Passeatas contra e pró-Chávez dividem Caracas. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 24/ 01/ 2002.
- <sup>47</sup> Chávez anuncia a saída do ministro do Interior. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 25/ 01/ 2002.
- <sup>48</sup> Chávez anuncia a saída do ministro do Interior. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 25/ 01/ 2002.
- <sup>49</sup> Chávez anuncia a saída do ministro do Interior. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 25/ 01/ 2002.
- <sup>50</sup> Maringoni, Gilberto. A Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez: Poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez. Página 150. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.
- <sup>51</sup> Coronel pede renúncia de Chávez e é preso. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 08/ 02/ 2002.
- <sup>52</sup> Descontentamento nos quartéis. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 09/ 02/ 2002.
- <sup>53</sup> Militar dissidente dá ultimato a Hugo Chávez. Editoria O Mundo. 13/ 02/ 2002.
- <sup>54</sup> Descontentamento nos quartéis. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 09/ 02/ 2002.
- <sup>55</sup> Crise na Venezuela preocupa EUA. Jornal *O Globo* (Autor: The Washington Post). Editoria: O Mundo. 25/ 02/ 2002
- <sup>56</sup> Sites noticiosos driblam censura. Jornal *O Globo* (Autor: El Comercio, do Peru). Editoria: O Mundo. 12/ 04/ 2006.
- <sup>57</sup> Medo de guerra civil tomou conta do país. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 04/ 2002.
- <sup>58</sup> Mentor de Chávez culpa-o por massacre. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 04/ 2002.
- <sup>59</sup> Rebelião e morte. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 04/ 2002.
- <sup>60</sup> Maringoni, Gilberto. A Venezuela que se inventa: Poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez: Poder, petróleo e intrigas nos tempos de Chávez. Página 25. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.
- <sup>61</sup> Carmona, Felix. El ocaso de los Círculos. El Universal, Caracas. 12/ 04/ 2002.
- <sup>62</sup> Analista alerta para risco de guerra civil. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 04/ 2002.
- <sup>63</sup> Rebelião de morte. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 04/ 2002.
- <sup>64</sup> A pólvora e o golpe. Jornal *O Globo*. Editoria Economia. 12/ 04/ 2002.
- <sup>65</sup> Mal do populismo. Jornal *O Globo*. Editoria Opinião (Editorial). 12/ 04/ 2002.
- <sup>66</sup> Queda de Chávez. Jornal *O Globo* (Autor: Bloomberg Business News). Editoria O Mundo. 13/ 04/ 2002.
- <sup>67</sup> O furacão que acabou virando brisa. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 13/ 04/ 2002.
- <sup>68</sup> Dois países, uma trajetória. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 14/ 04/ 2002.
- <sup>69</sup> Reviravolta na Venezuela. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 14/ 04/ 2002.
- <sup>70</sup> Turbulência e rumores. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 14/ 04/ 2002.
- <sup>71</sup> A Volta de Chávez. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 15/ 04/ 2002.
- <sup>72</sup> Resgate cinematográfico. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 15/ 04/ 2002.
- <sup>73</sup> Da oposição à Presidência. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 13/ 04/ 2002.
- <sup>74</sup> A Volta de Chávez. Jornal *O Globo*. Editoria O Mundo. 15/ 04/ 2002.
- <sup>75</sup> Site do Mosteiro de São Bento: [http://www.osb.org.br/lectio\\_16outubro.html](http://www.osb.org.br/lectio_16outubro.html)

- 
- <sup>76</sup> Amigos, amigos, governo à parte. *Jornal O Globo*. Suplemento especial Fóruns Globais. 27/ 01/ 2003.
- <sup>77</sup> Chávez propõe criação da Alba no lugar da Alca. *Jornal O Globo*. Editoria Economia. 27/ 04/ 2003.
- <sup>78</sup> Idéias e caras. *Jornal O Globo*. Coluna de Luís Fernando Veríssimo. 17/ 04/ 2002.
- <sup>79</sup> Lemoine, Maurice. A guerra do plebiscito. *Le Monde Diplomatique*. (Edição brasileira. Ano 5. Número 51).
- <sup>80</sup> Chávez: 'Condoleezza é analfabeta'. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 12/ 01/ 2004.
- <sup>81</sup> Chávez contrata firma para melhorar imagem nos EUA. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 19/ 05/ 2004.
- <sup>82</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.
- <sup>83</sup> Associação de jornais condena governo Chávez. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 03/ 06/ 2004.
- <sup>84</sup> Marcha gigante de antichavista. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 13/ 08/ 2004.
- <sup>85</sup> Do sonho de jogar bola ao poder. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 15/ 08/ 2004.
- <sup>86</sup> Do sonho de jogar bola ao poder. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 15/ 08/ 2004.
- <sup>87</sup> Paternalismo e catequese numa só cartilha. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 17/ 08/ 2004.
- <sup>88</sup> Chávez é recebido como herói em Porto Alegre. *Jornal O Globo*. Editoria Economia. 31/ 01/ 2005.
- <sup>89</sup> Chávez planeja TV regional, a 'CNN bolivariana'. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 01/ 02/ 2005.
- <sup>90</sup> Chávez planeja TV regional, a 'CNN bolivariana'. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 01/ 02/ 2005.
- <sup>91</sup> Revólver 100% venezuelano. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 20/ 09/ 2005.
- <sup>92</sup> Chávez acusa *O GLOBO* de ser 'lacaio do imperialismo'. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 10/ 05/ 2005.
- <sup>93</sup> Chávez expulsa missionários dos EUA. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 14/ 10/ 2005.
- <sup>94</sup> Gabler, Neal. *Vida, o filme: Como o entretenimento conquistou a realidade*. Tradução de Beth Vieira. Página 13. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.
- <sup>95</sup> Pinto, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. Página 18. 2ª Edição. São Paulo. Hacker Editores, 2002.
- <sup>96</sup> Apud Compton, James R. *A political economy of cultural performance*. Página 14. Peter Lang Publishing. New York, 2004.
- <sup>97</sup> Presidente cai no conto do falso Fidel. *Jornal O Globo*. Editoria País. 07/ 01/ 2003.
- <sup>98</sup> Chávez chama Bush de louco e genocida. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 19/ 11/ 2005.
- <sup>99</sup> Chávez ganha égua e testa popularidade. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 09/ 12/ 2005.
- <sup>100</sup> Beleza frustrada. *Jornal O Globo*. Editoria O Mundo. 17/ 05/ 2003.
- <sup>101</sup> Freire Filho, João. *Mídia, estereótipo e representação de minorias*. ECO-PÓS, vol. 7, n° 2. 2004.
- <sup>102</sup> Freire Filho, João. *Mídia, estereótipo e representação de minorias*. ECO-PÓS, vol. 7, n° 2. Página 48. 2004.
- <sup>103</sup> Freire Filho, João. *Mídia, estereótipo e representação de minorias*. ECO-PÓS, vol. 7, n° 2.
- <sup>104</sup> Freire Filho, João. *Mídia, estereótipo e representação de minorias*. ECO-PÓS, vol. 7, n° 2. Página 48. 2004.
- <sup>105</sup> Becker, Howard (1963). Apud Freire Filho, João. *Mídia, estereótipo e representação de minorias*. ECO-PÓS, vol. 7, n° 2. Página 49. 2004.